

II ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA



ARQUEOLOGIA EM MEIO URBANO
TEATRO ABERTO, 22 A 24 DE MARÇO, 2018

#3 OS ESTUDOS DO ARQUITETO CASSIANO BRANCO SOBRE O TEATRO ROMANO DE LISBOA. 1932-1960.

ANA CRISTINA LEITE | GEO/DPC/DMC/CML

RESUMO

Desde a descoberta do Teatro Romano de Lisboa (finais do século XVIII), foram vários os documentos produzidos por eruditos, olisipógrafos, arqueólogos e outros, sobre o monumento, visando a sua identificação e preservação. No entanto, até à intervenção arqueológica e investigação realizadas por Irisalva Moita em 1966/67, não foi possível proteger as ruínas, apesar dos esforços de mais de um século para a sua salvaguarda, como os levados a cabo pelo arquiteto Cassiano Branco (1897-1970), que em 1960 se insurgia publicamente, juntamente com o Grupo Amigos de Lisboa, contra a construção de um imóvel sobre o Teatro (mas que acabaria por se concretizar). O arquiteto, criticando a indiferença das autoridades, defendia a necessária e urgente investigação arqueológica do monumento, além da sua reconstrução arquitetónica, para a qual desenvolvera uma proposta, incluindo um arranjo da zona envolvente, demonstrando clara preocupação pela malha urbana e pelo património que classificava de valor histórico, arqueológico e artístico para Lisboa.

Mas o interesse e o conhecimento de Cassiano Branco sobre o Teatro Romano eram anteriores a este facto. Vários estudos sobre o edifício foram concretizados, ao longo de cerca de 3 décadas. No seu acervo (Arquivo Municipal de Lisboa), guardam-se mais de duas dezenas de documentos diversos (datados entre 1932-1960) pouco conhecidos e explorados, como desenhos de localização do Teatro, planos de reconstituição e reconstrução, entre artigos de jornais e correspondência diversa.

Estes estudos constituem, sem dúvida, um evidente contributo, com uma especificidade própria, para a história da descoberta e recuperação do Teatro Romano e consequentemente para a história da arqueologia em Lisboa.

Palavras-Chave: Teatro Romano de Lisboa; *Olisipa*; Reconstituição e Reconstrução do Teatro Romano; História da arqueologia de Lisboa; Cassiano Branco.

ABSTRACT

Since the discovery of the Roman Theater of Lisbon (late 18th century), various documents produced by scholars, olisipographers, archaeologists and others, on the monument, aimed at its identification and preservation. However, until the archaeological intervention and investigation carried out by Irisalva Moita in 1966/67, it was not possible to protect the ruins, despite the efforts of more than a century to safeguard them, such as those carried out by the architect Cassiano Branco (1897-1970) that in a public insurgency in 1960, together with the Group of Amigos de Lisboa, spoke against the construction of a building on the Theater (but that would materialize). The architect, criticizing the indifference of the authorities, defended the necessary and urgent archaeological investigation of the monument, in addition to its architectural reconstruction, for which he had developed a proposal, that included an arrangement of the surrounding area, showing clear concern for urban fabric and heritage he classified as historical, archaeological and artistic value to Lisbon.

But Cassiano Branco's interest and knowledge of the Roman Theater was prior to this. Several studies on the building have been carried out over about 3 decades. In its collection (Arquivo Municipal de Lisboa - Lisbon Municipal Archives), more than two dozen different documents (dating from 1932-1960) are little known and explored, such as drawings of the theater's location, reconstitution and reconstruction plans, newspaper articles and diverse correspondence .

These studies undoubtedly constitute an evident contribution, with their own specificity, to the history of the discovery and recovery of the Roman Theater and consequently to the history of archeology in Lisbon.

Keywords: Roman Theater of Lisbon; *Olisipa*; Reconstitution and Reconstruction of the Roman Theater; History of Lisbon archeology; Cassiano Branco.

1| NOTA INTRODUTÓRIA

É sempre oportuno falar do Teatro Romano de Lisboa, especialmente quando já assinalamos os 220 anos da sua descoberta, que terá ocorrido em abril de 1798 e dos primeiros desaterros ocorridos na ocasião, orientados pelo arquiteto Manuel Caetano de Sousa e não pelo arquiteto Francisco Xavier Fabri, como foi tradicionalmente estabelecido pela historiografia mas que afinal só intervém depois, já nos finais de 1798. Dado demonstrado por investigação, mais recente, de Carlos Fabião (2013), na sequência da identificação de um manuscrito que se reporta a uma primeira intervenção no Teatro, intitulado: *Descrição / do Monumento de Antiguidade Romana, invés - / tigoado pelo professor Regio Joaquim José de Costa / e Sá desde o 1 dia do presente mês de Maio do / anno de 1798 até ao dia 16 do dicto, em que se deo por finda a Excavação.*

Cumpriu-se ainda, em 2018, 20 anos da elaboração e aprovação por unanimidade pela CML (Reunião de Câmara Municipal de Lisboa, de 28 de outubro de 1998: Calado, 1998), do Projeto do Museu do Teatro Romano componente fundamental do plano *Teatro Romano. Programa de Recuperação e Valorização* (da autoria de A.C. Leite, 1998), o “elemento chave para enquadramento e dinamização de todo o processo” (Calado, 1998) que levou à concretização (de forma faseada, ainda em curso) de trabalhos de investigação, intervenções arqueológicas, interpretação das ruínas, integração de espólio, preservação e restauro, valorização e divulgação deste monumento. O Museu, atualmente designado de “Museu de Lisboa - Teatro Romano”, foi inaugurado em 2001 como museu histórico e arqueológico de cariz monográfico e de sítio arqueológico, constituindo um dos núcleos, do então, Museu da Cidade (renomeado em 2015, Museu de Lisboa).

O presente artigo pretende dar a conhecer um conjunto de documentação que tem permanecido despercebida e inédita, guardado no Arquivo Municipal de Lisboa, da autoria do Arquiteto Cassiano Branco (1897-1970), relevante representante do modernismo português. Esta documentação deve integrar a história do Teatro Romano de Lisboa, em particular, no que se reporta à sua identificação, proteção e processos de investigação.

2 | UM PERCURSO PELAS ETAPAS DE SALVAGUARDA DO TEATRO DE OLISIPO. DOS FINAIS DO SÉCULO XVIII AOS TRABALHOS DE CASSIANO BRANCO

O Teatro é, hoje, dos vestígios da cidade romana de *Olisipo* que melhor conhecemos, em parte, pela existência de um dos acervos sobre uma ruína arqueológica, mais significativos e completos. Constituído por dados iconográficos e textuais, desenvolvidos desde os finais do século XVIII, produzidos por eruditos, olisipógrafos, arqueólogos, historiadores, jornalistas, dados a conhecer em diversas publicações (Cf. J. M. Abascal, J. Alarcão, L. A. de Azevedo, A. de Carvalho, J. de Castilho, C. Fabião, E. Hübner, A. C. Leite, H. B. Pato, J. Maciel, I. Moita, P. Pereira, I. Ruders, A. Vieira da Silva, Frei M. do Cenáculo Villas-Boas); mas também pelos resultados das diversas campanhas de intervenções e investigações arqueológicas desde 1964 à atualidade (Cf. F. de Almeida, A.M. D. Diogo, L. Fernandes, T. Hauschild, I. Moita, A. V. Rodrigues, R. B. da Silva).

Reportando-nos ao acervo documental, falamos, por exemplo, das notícias da sua descoberta, publicadas no *Segundo Suplemento e Suplemento à Gazeta de Lisboa*, mas também às primeiras representações gráficas das ruínas em 1798, da autoria de Manuel Caetano de Sousa identificadas por Justino Maciel na “Coleção Cenáculo” da Biblioteca Pública de Évora (Maciel, 1994, p.37 e 1995, pp.86-87); e outras também atribuídas a Caetano de Sousa (Fabião, 2013; Leite e Pato, 2014), (Fig. 1.); assim como ao *Mapa* de Francisco Xavier Fabri (Fabri, 1978; Leite e Pereira, 1992), (Fig.2); ou, ainda, à obra *Dissertação crítico-filosófica-histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e atendíveis circunstâncias da erecção do tablado e orquestra do theatro romano descoberto na escavação da rua de S. Mamede*, do latinista Luiz Antonio de Azevedo, publicada em 1818, que incluiu, entre diversas imagens, um Alçado e Planta das ruínas (Estampa X. p. 46), (Fig. 3). Veja-se o inventário sistematizado da iconografia até agora conhecida sobre o Teatro (Leite e Pato, 2014).

Apesar do interesse pontual que a descoberta do Teatro, em 1798, provocou no contexto setecentista de uma “Época das Luzes” de deslumbramento pela arqueologia e pela Antiguidade Clássica e das tentativas diversas para o estudar, identificar e preservar (Martins, 2006; Lima, 2014, pp. 228-236), durante mais de um século, não foi possível proteger convenientemente as ruínas. Contrariando as expectativas e as conceções relacionadas com o incremento de uma crescente sensibilidade pelo Património - plasmadas em alvarás régios, como o de D. João V de 14 de agosto de 1721 e a sua republicação em 1802, com pontuais alterações, mas mais focados na conservação de peças isoladas, (Ramos, 2014; Lima, 2017) – recordados por L.A de Azevedo (1815, p.III) – este caso do Teatro Romano é “flagrante” no que diz respeito à “desproteção da arquitetura vetusta” na época

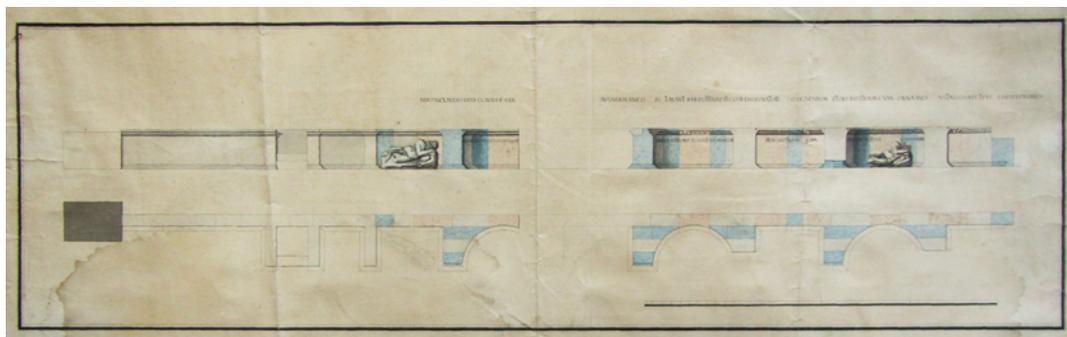


Fig. 1 – Alçado e Planta do *Proscaenium*. Desenho aguarelado e lápis. Manuel Caetano de Sousa, 1798. Grupo Amigos de Lisboa.

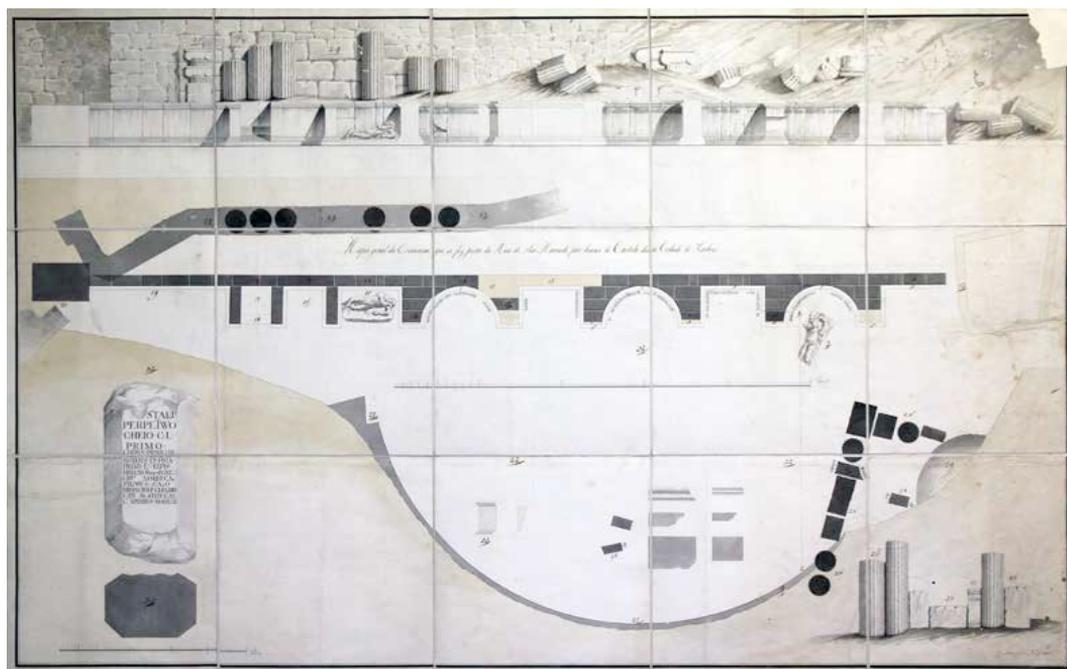


Fig. 2 – Mapa geral da Escavação que se fez perto da Rua de São Mamede por baixo do Castelo desta Cidade de Lisboa. Desenho aguarelado. Francisco Xavier Fabri, 1798. Museu de Lisboa (MC.DES.12)

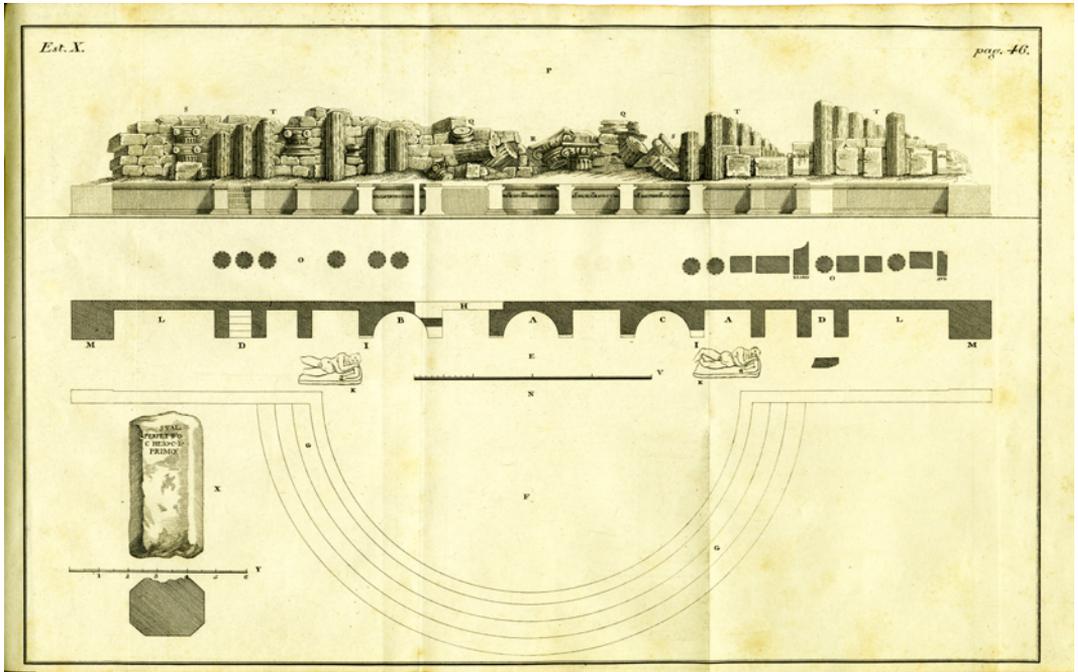


Fig. 3 – Alçado e Planta das ruínas do Teatro Romano. Gravura, 1815
 Inserida na obra de Luiz António de Azevedo, *Dissertação Crítico-Filologico-Historica Sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e atendíveis circunstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano...* Estampa X. p. 46. Gabinete de Estudos Olisiponenses (HIST 440-G RES)

(Lima, 2014, p. 228). Não obstante, as propostas de Francisco Xavier Fabri dirigidas à *Academia das Sciencias* e ao inspetor das Obras Públicas do Reino, em 1799 e 1800, dispondo-se estudar e a tentar que o monumento fosse preservado *in situ* (documentos publicados por Ayres de Carvalho, 1979, pp. 141-142; Lima, 2017) ou, logo depois, um retrato do Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI – reportamo-nos a um óleo sobre tela de Domingos António de Sequeira de cerca de 1802 (coleção do Palácio Nacional da Ajuda : Inv^o 4115) – incluir, como fundo da pintura, as ruínas do Teatro, além de outras estruturas arquitetónicas relevantes para a época, como o Túmulo do Príncipe de Waldeck, o Real Hospital de Marinha e o Palácio da Ajuda. Esta figuração das ruínas, não tendo nenhum valor iconográfico especial, mas antes simbólico, atesta a importância da descoberta deste monumento romano, ou apenas, se relaciona com o facto de Francisco Xavier Fabri ter desenhado o Túmulo e as ruínas do Teatro. (Cf. Teixeira, 2012, vol. II, p. 147); não esquecendo, ainda que a grande obra da época, o Palácio da Ajuda, teve Fabri como

um dos arquitetos, nomeado já numa segunda fase, pelo Decreto Régio de 1802. Também a relevante publicação, em 1815, da referida *Dissertação...* de Luiz Antonio de Azevedo, acabaria por não contribuir, na época, para a proteção imediata da construção cénica. Mas esta obra não passaria despercebida ao ser referida, mesmo que indiretamente, como significativo trabalho de investigação sobre o Teatro, em 1832, (ano em que a parte escavada do monumento, muito provavelmente, já não deveria ser visível), por Robert Bisset Scott no texto “Roman Remains at Lisbon” publicado na *Gentleman's Magazine*, onde destaca Luiz Antonio de Azevedo pelo seu trabalho de acompanhamento e abertura da “Rua Nova de S. Mamede” (sobre parte do Teatro) e de observação da escavação nas ruínas. Designando-o, elogiosamente, como um “intelligent and learned Portuguese antiquary”, embora Scott nunca refere ter visto qualquer vestígio do Teatro (Scott, 1832,p.292; ver ainda Ramos, 2015. Assim como Innocêncio Francisco da Silva no seu *Dicionario Bibliographico Portuguez*, editado em 1860, exalta a *Dissertação...* por ser “a única memoria que ficou d'aquelle celebre monumento, cujas relíquias e fragmentos se deixaram perder de todo, ao que parece, pela proverbial incúria com que estas cousas foram sempre tratadas entre nós” (*apud* Fabião, 2013, p.391).

Este texto vem ao encontro da menção de Júlio de Castilho que, reportando-se ao ano de 1864, diz-nos que na Rua de S. Mamede se via “um monturo com entulhos informes, desconhecidos, restos do teatro de Nero”, acrescentando: “O que as picaretas desenterraram serviu como material da construção de dois prédios novos no alto da rua, à direita, antes de voltar para a da Saudade” (Castilho, 1884; 1939², p.166). Manteve-se, no entanto, uma pequena área ajardinada, no gaveto entre as duas ruas que esteve sobre parte dos vestígios arqueológicos, como nos documentam os levantamentos topográficos da cidade de 1858 e 1871, por exemplo(v. Fig.4a e 4b).

Assim e apesar de estar o Alvará joanino de 1721, com sublinhamos, mais direcionado aos bens móveis e à sua recolha e integração em coleções e instituições, como garante de proteção, e ,em 1807, após a invasão francesa de Junot, a família real ter partido para o Brasil, foi possível, sem quaisquer impedimentos, não só a abertura da Rua de S. Mamede, como, ao longo do século XIX, a construção, sobre as ruínas do Teatro, de vários prédios de habitação – observemos, uma vez mais, as plantas topográficas da cidade de Filipe Folque de 1858, de 1871 da CML ou a de 1909 de Silva Pinto (Fig. 4a, 4b e 4c) –, inclusive com a reutilização massiva dos seus diversos elementos arquitetónicos, como alertara Castilho e como se veio a confirmar, posteriormente, durante as primeiras intervenções arqueológicas do século XX. As obras nesta zona de Lisboa davam cumprimento à reconstrução da cidade, em especial numa área que havia sido uma das muito afetadas pelo Ter-

ramoto de 1755. Segundo a *História da ruína da cidade de Lisboa cauzada pello espantozo terremoto e incendio, que reduzio a pó e cinza a melhor, e mayor parte desta infeliz cidade* do Padre Manoel Portal, de 1756 o local era até conhecido, como outros na urbe, por “monturos” ou, mais concretamente, por “entulhos de S. Mamede” (*apud* Sousa, p. 589).



Fig. 4a



Fig. 4b



Fig. 4c

Fig. 4a – Atlas da Carta Topográfica de Lisboa: nº44. Pormenor do gaveto da Rua de S. Mamede /Rua da Saudade. Filipe Folque, 1858-9. Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/01/46)

Fig. 4b – Levantamento Topográfico de Lisboa: nº 44. Pormenor da Rua de S. Mamede /Rua da Saudade. Câmara Municipal de Lisboa, Repartição de Calçadas e Canalizações, 1871. Gabinete de Estudos Olisiponenses (MP 4417 RES)

Fig. 4c – Planta Topográfica de Lisboa: 12F. Pormenor do gaveto da Rua de S. Mamede /Rua da Saudade. J.A. V. da Silva Pinto, 1905-9. Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/03/044)

Sobre a construção desses prédios de habitação haveria ainda de se pronunciar, novamente, o olisipógrafo Júlio de Castilho n' *O Século* de 25 de Julho de 1906, apelidando o acontecimento de “o crime de 1798” e acrescentando que não se deveria cometer o mesmo erro porque defendia “Lisboa não se pode dar ao luxo de desaproveitar um achado arqueológico destes”. Na mesma época que Rocha Martins, referindo este artigo d' *O Século*, publicava, dois meses depois, na *Ilustração Portuguesa* (Martins, 1906), um artigo chamando a atenção para a existência do monumento romano, denunciando preocupações patrimoniais. Trata-se, não de um texto de carácter científico, mas de uma narrativa fantasiosa, uma ficção em que o autor se transporta para a época romana, alicerçada pelo facto de ter tido conhecimento que morara sobre as ruínas do Teatro, no nº22 da Rua de Mamede e ter tido acesso, através de um suposto alfarrabista a um manuscrito intitulado “Dissertação critica filológica historica sobre o teatro romano da rua de S, Mamede” que é afinal a obra publicada por Luiz Antonio de Azevedo (de onde retira algumas das ilustrações do artigo). O manuscrito desta obra, datado de 1807, foi adquirido, em 2007, pelo Museu da Cidade (Inv.ºnº : MC.RES.217).

Até 1960 não se voltou a colocar a hipótese de se resgatar o Teatro. Apesar das referências de olisipógrafos, conscientes da existência, significado e relevância histórica e patrimonial de um teatro romano em Lisboa, como as de Júlio de Castilho na *Lisboa Antiga* e de Augusto Vieira da Silva, por exemplo, na *Epigrafia de Olisipo*; Ou ainda, na obra laudatória, de 1947, *Lisboa: Oito Séculos de História*, publicada pela Câmara Municipal de Lisboa, onde no texto “Lisboa Romana”, também de A.Vieira da Silva, surge uma ilustração da autoria de Jaime Martins Barata (Fig. 5) que retrata F. Xavier Fabri nas ruínas observando os trabalhos de escavação em 1798 (o que estava de acordo com o que se sabia na época sobre estas ruínas e, seguramente, executado com base no Alçado e planta das ruínas, publicado por L. A. de Azevedo: v. Fig 1). Um apontamento que embora nada acrescenta ao conhecimento do Teatro, testemunha como era imaginado e como era considerado como um verdadeiro símbolo da história da cidade e da Lisboa romana, pelos olisipógrafos.



Fig. 5 – As Ruínas do Teatro Romano de Lisboa (S. Mamede)

Litografia (Litografia de Portugal) a partir de aguarela de Jaime Martins Barata, 1947
 Inserida na obra *Lisboa: Oito Séculos de História*. Câmara Municipal de Lisboa.1947

3| OS ESTUDOS DE CASSIANO BRANCO. 1936-1960

Apenas quando se anunciou a construção de um novo edifício na zona, em substituição de um entretanto demolido, os jornais agitaram a polémica da salvaguarda do Teatro Romano. Primeiro, o periódico *O Século*, de 19 de junho de 1960, com o texto *As ruínas de um Teatro Romano de Nero na Rua de S. Mamede ao Caldas, devem ser desembaraçadas e conservadas cuidadosamente*. Depois o *Diário de Lisboa*, de 25 de Junho de 1960 - doravante identificado por *DL*- com declarações de C. Branco em artigo, de autor não identificado, intitulado *É possível reconstruir o Teatro Romano que existiu em S. Mamede, ao Caldas. Na opinião do arquitecto Cassiano Branco*. Mas, uma vez mais, acabaria por não se conseguir impedir a construção do imóvel, um sinal claro da ausência de políticas de salvaguarda do património arqueológico, na época. Falamos do nº 6 da Rua de S. Mamede/Rua da Saudade, nº15 (Fig.6) (AML Processo nº 1691/DCEOD/I/1960). Esta construção (Fig. 7), permanece, ainda hoje, sobre uma zona significativa das ruínas do Teatro, impossibilitando a sua escavação e integração na restante área, musealizada desde 2001.



Fig. 6 – Edifício da Rua de S. Mamede, nº6 /Rua da Saudade, nº15. Fachada da Rua da Saudade. Fotografia. Autor não identificado, 1971. Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico (PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/PEL/013/S01457)



Fig. 7 – A azul, o edifício da Rua de S. Mamede, nº6 /Rua da Saudade, nº15. A vermelho, o Museu e área das ruínas do Teatro musealizadas. Fotografia do Google maps.

Foi, pois, neste contexto de desatenção, senão mesmo desprezo pelo Património Histórico e Arqueológico que o Arq. C. Branco se insurgiria publicamente, tal como o Grupo Amigos de Lisboa, contra a construção deste edifício, (como já sublinhara C. Fabião, 1994, nota 35, p.160).

Cassiano Branco, nas declarações relatadas no artigo do *DL*, denunciando ter já sólidos conhecimentos sobre o Teatro e sobre a arquitetura clássica, crítica a indiferença das autoridades e do Município que considerava possuir serviços culturais “certamente conhecedores da importância arqueológica, histórica e artística do monumento” que deveriam impedir de imediato a construção do edifício e defendia ainda a necessária e urgente investigação arqueológica deste, além da sua reconstrução arquitetónica, propondo a constituição de uma “ comissão de arqueólogos e de individualidades de reconhecida competência e isenção [...] que defenda os monumentos que o passado nos deixou”. Mas, acima de tudo, afirmava que a cidade merecia ver recuperado um monumento “tão valioso”. Um património que classificava de valor histórico, arqueológico e artístico para Lisboa. O artigo é ilustrado com uma imagem provavelmente da responsabilidade do jornalista, e que nada tem a ver com os estudos desenvolvidos por C. Branco, como veremos, com a legenda: “Aspecto de uma reconstituição arquitectónica de um teatro da antiguidade semelhante, no seu todo, ao da velha Olisipo”. (Fig 8)

Os conteúdos desta notícia do *DL*, quando falamos na história do Teatro de Lisboa, têm sido quase ignorados. Foi referida, pela primeira vez, por I. Moita mas com uma inclusão na bibliografia do seu artigo sobre a intervenção arqueológica no Teatro, publicada na *Revista Municipal* (1970) e apenas a imagem de uma parte do artigo do jornal foi divulgada, mais tarde, em texto de P. Varela Gomes (1991). Ainda, tal como as anteriores menções, sem grande desenvolvimento e sem se relacionar com a restante documentação que estamos a dar a conhecer neste texto (excepto, pontualmente, em P.V. Gomes, como veremos), esta notícia também é mencionada em artigo de L.Fernandes que apenas cita uma pequena frase do texto do jornalista, onde se afirma que C. Branco teria desenvolvido um “plano de reconstituição” do Teatro, mas acaba por não desenvolver a matéria ou acrescentar qualquer outra informação esclarecedora, concluindo que os “ímpetus arquitectónicos não passariam do papel” (Fernandes, 2007, p. 29 -30).

Mas o interesse e o conhecimento de Cassiano Branco sobre o Teatro Romano eram muito anteriores à polémica construção de um imóvel sobre as ruínas, em 1960, como nos esclarece o texto do *JL*, nas palavras do jornalista: “ A possibilidade de

reconstruir esse monumento, o incalculável valor arqueológico e histórico do empreendimento, têm interessado desde há longos anos, o arq. ... ". É pois muito possível que tenha sido entre 1936 e 1960 que desenvolveu os vários estudos sobre o monumento que hoje estão agrupados e classificados, em Arquivo, sob a designação *Estudos sobre o Teatro Romano*, na maioria não assinados e sem data, mas que integram a tipologia de documentação "Estudos técnico-científicos" do Fundo Cassiano Branco (adquirido pelo Arquivo Municipal de Lisboa em 1990). Este acervo documental (*Estudos sobre o Teatro Romano*) é constituído por cerca de duas dezenas de desenhos de plantas de localização das ruínas do Teatro, planos de pormenor, estudos e esboços de reconstituição que passamos a elencar:



As escavações efectuadas num terreno da Rua de S. Mamede ao Caldas, onde se pretende erguer um prédio, levantam, de novo, o problema da reconstrução do teatro romano ali construído, no ano 57 da era cristá, por Caio Hala Primo e dedicado a Nero.

A possibilidade de reconstruir esse monumento, o incalculável valor arqueológico e histórico do empreendimento têm interessado, desde há longos anos, o arq. Cassiano Branco, uma das figuras mais representativas da nossa arquitectura contemporânea. O arq. Cassiano Branco, que estudou a evolução das construções deste tipo através da antiguidade clássica, baseando-se nos mais recentes ensaios arqueológicos e em toda a teoria de teatros clássicos descobertos, realizou um plano de reconstituição arquitectónica do teatro romano de Lisboa, a partir da medição do diametro do fuste da coluná remanescente do edificio, que se encontra na loja do prédio n.º 2 da Rua de S. Mamede.

A complexidade da solução arquitectónica da reconstituição deste monumento obedece ao estudo retrospectivo de outros modelos de teatros existentes em Espanha e Norte de Africa.

Conhecendo estes valiosos trabalhos arqueológicos, procurámos o arq. Cassiano Branco, no atelier, para recolher o seu importante depoimento.

A indiferença das entidades oficiais quando da descoberta das ruínas

— São esses os únicos vestígios do antigo teatro?

— Não. Luís António de Azevedo referia dois silenos, deitados sobre odres. Uma das estátuas encontrase guardada no Museu Etnológico de Liém. A outra, porém, achase-se num quintal de uma casa apalçada na Rua das Portas de Santo António.

— Dada essa indiferença, as ruínas foram esquecidas?

— Cobriram-nas. Em 1798 foram assentes sobre as ruínas alguns prédios de habitação. Estranha é a repetição do gesto, em 1960, quando a Camara Municipal possui serviços culturais, certamente conhecedores da importância arqueológica, histórica, artística do monumento. Como li no jornal «O Século» do dia 19, a Camara Municipal autorizou a construção de um prédio sobre as ruínas da peça arquitectónica de maior valor arquitectónico que Lisboa possui.

O teatro na Roma imperial

— Cre que o teatro erguido na

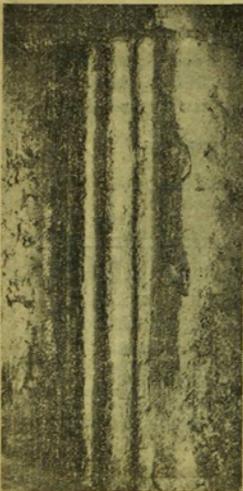
(Continua na 11.ª página)

Fig. 8 – Excertos do artigo *É possível reconstruir o teatro romano que existiu em S. Mamede, ao Caldas - na opinião do arquitecto Cassiano Branco*. Jornal *Diário de Lisboa* de 25 de Junho de 1960. Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CB/11/04/01)

O teatro romano que existiu em S. Mamede ao Caldas

(Continuação da página central)

Olissipo do Império romano tenha um excepcional valor artístico? — Desde os primeiros séculos do Império romano, o teatro constituía o tipo de construção arquitectónica de maior esplendor. Possuía grandiosas colunatas de mármore colorido. O plano vertical da cena, era enriquecido com séries de colunas sobrepostas também em mármore de cor. Até as havia de vidro com luz interior. As bancadas e cadeiras eram de mármore polido. Estátuas de bronze e mármore completavam a decoração do conjunto. Foi Pompeu, no ano 55 A. C., quem primeiro construiu um grandioso teatro de mármore, que constituiu um dos mais ricos edifícios de Roma. Não devemos esquecer que as construções de mais importância do mundo romano foram



No interior do estabelecimento de ferro-velho na Rua de S. Mamede ao Caldas, endossado na argamassa de uma parede, pode ver-se o fuste de uma coluna do teatro romano que existiu precisamente naquele local

sempre as de utilidade pública. A importância de Olissipo, o seu valor como centro comercial e até como ponto estratégico são indiscutíveis. Porque as proporções e a riqueza dos teatros dependiam da categoria das cidades onde eram erguidos, é lógico que o teatro romano de Lisboa seja um monumento vasto e de grande interesse artístico.

O teatro foi destruído por um terramoto

— Como explica que o monumento tenha sido soterrado e quando calcula que tal se deu?

O arquitecto Cassiano Branco responde:

— Lisboa encontra-se numa zona sísmica e é natural que um terra-

moto tenha provocado o soterramento do teatro. Devido a cataclismos deste género, o morro onde se situa o castelo de S. Jorge modificou-se. Os terramotos anteriores à fundação da nossa nacionalidade e os registados em 1344, 1356, 1531, 1597 e 1755 provocaram quedas de pedras e de grandes volumes de terra pelas encostas do monte do Castelo até atingir a parte baixa dos seus contornos. É natural que a data da fundação da nossa nacionalidade já o teatro estivesse soterrado, pois nenhum dos nossos cronistas se refere à existência deste monumento.

Teatros no Império romano

— Existem em Lisboa ou em outros pontos de Portugal ruínas de teatros da época da dominação romana?

— Só se conhecem as do teatro de Atenas e de Argos, no Egeu. O problema levou-me a reunir elementos sobre os teatros construídos durante a antiguidade clássica. Estudei cinquenta e dois teatros gregos, especialmente os de Dionísios e de Lenco, na encosta da Acropolis, em Atenas; de Argos, no Peloponésio; o de Assos, em Troade; de Delos na Focia; de Epidaurio, na Argólia; de Esparta, na Laconia; de Mileto, na Jónia; de Pergamo, na Mécia; e de Siracusa, na Sicília. Em Roma quero distinguir os riquíssimos teatros de Marcelo, Pompeu, Scaurus, Balbo e Vilia Adriana. Na Itália, destacam-se os de Herculano, Pompeia, Tusculano, Fiesole, Verona, Milão, Aosta, Lecce, Lunso, Tindari e Taormina.

No Norte de África, citarei os teatros de Tingad e Dugga, na Argélia, de Khamissa, de Guelma, de Pèbesa e de Sabratha, próximo de Tripoli. Nas suas províncias do Oriente Romano construiu os teatros de Amman, na actual Transjordânia, de Palmira, Boalber, Bosra e Petra, na Síria, de Gesara, na Palestina e de Balbura, na Líbia.

— Diversos países europeus possuem, devidamente reconstituídos, teatros romanos?

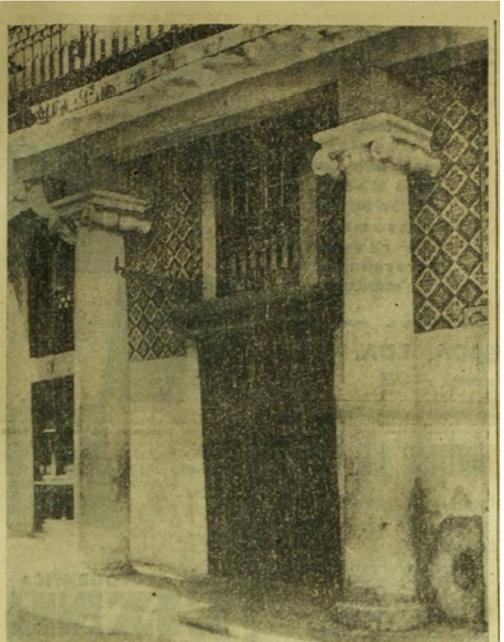
— Exactamente — Em França, estudos trinta e dois, como os de Arles, de Champlieu, Soissons, Frejus, d'Antun, Araine e, especialmente, o de Orange.

Suíça possui os teatros de Augusto Raurica, antiga cidade da margem sul do Reno, próximo da actual Basileia, estudado por Felix Stahelin e de Aventium, a actual Avenches, entre Berne e o Lago Moral. Destacam-se, na Espanha, o de Mérida, reconstituído segundo o notável estudo do arqueólogo D. Ramon Melida, e os de Sagunto, Ronda, Clunia e Itálica. Em Inglaterra, o único teatro da época do domínio romano identificado é o de Verulamium estudado por miss K. M. Kenyon, secretária do Instituto de Arqueologia.

O vandalismo moderno

— Todos estas construções são consideradas monumentos nacionais?

— Sim. Defendem-nos contra os modernos vandálicos, que os outros os autênticos, ninguém os podia sustar. O inapreciável valor do Teatro soterrado, a possibilidade de o reconstituir, com o auxílio dos arqueólogos de todo o Mundo, que acorreriam ao nosso País de-



A porta de uma casa de pasto, junto ao Chafariz de Dentro, erguem-se duas elegantes colunas jónicas tiradas das ruínas do teatro romano. Eis um símbolo pitoresco da queda do Império Romano

viam interessar à Camara Municipal de Lisboa. Monumento tão valioso como o que nos legou a época de Quinhentos, o teatro romano de Lisboa não pode permanecer soterrado, com um prédio anodino a marcar o triunfo da indiferença e a constituir a lápida de um corpo de mármore muito mais ilustre.

É urgente reconstituir o monumento

— O que propõe para solucionar tão grave problema?

O arq. Cassiano Branco declara: — A suspensão imediata dos trabalhos que se estão a efectuar no local. Deve constituir-se uma comissão de arqueólogos e de individualidades de reconhecida competência e isenção que, pelo seu interesse e amor à cidade, defenda os monumentos que o passado nos deixou.

«Esta comissão deverá angariar fundos que permitam efectuar perfurações e várias pesquisas locais no terreno, trabalhos a realizar após estudos arqueológicos bem fundamentados.

É evidente que os prédios das ruas de S. Mamede e da Saúde devem ser adquiridos para demolição de forma a pôr a um todo o complexo arquitectónico do teatro, o que a fazer-se, implicaria um outro estudo, de arranjo do local.

«A importância do momento, a possibilidade de dar a Lisboa uma magnífica peça arquitectónica da antiguidade clássica, justificam esta realização ainda que complexa, vasta e dispendiosa.

E termina: — Não é realmente civilizado permitir que as ruínas sejam esque-

cidas, quando em toda a Europa equipas de arqueólogos de diversas nacionalidades, subsidiadas pelos seus governos, são enviadas a outros países para realizarem uma obra de interesse universal. Missões inglesas, francesas, americanas e alemãs trabalham na Grécia há dezenas de anos trazendo à luz admiráveis monumentos e documentos de importância decisiva para o estudo da civilização helénica, base da civilização ocidental. Não será fácil a formação de uma equipa portuguesa a enviar à Grécia. Mas é natural, urgente mesmo, que os arqueólogos portugueses, devidamente apoiados pelas entidades oficiais, estudem e defendam monumentos como o teatro romano de Lisboa.

TAUROMAQUIA

Manuel dos Santos, no Montijo

Manuel dos Santos reaparece amanhã no Montijo depois dos grandes êxitos obtidos no México, para onde regressa após esta sensacional corrida em que lidará touros dos irmãos Oliveira, de Samora Correia, alternando com o venezuelano Curro Giron. São cavaleiros, D. Francisco de Mascarenhas e David Ribeiro Teles e o grupo de forçados é o dos amadores de Santarém. Tão extraordinário espectáculo começa às 18 e 15 e estão assegurados os meios de transporte desde Lisboa.

3.1I PLANTAS DA CIDADE DE LISBOA PARA LOCALIZAÇÃO DO TEATRO ROMANO

3.1.1 - Planta da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto de 1755

Data aferida:194?

Desenho em papel vegetal

Dimensões 500 x 729 mm

AML - PT/AMLSB/CB/11/04/05

Observações: C. Branco utiliza, maioritariamente, para grande parte dos seus estudos a planta da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto, para sobre ela localizar o Teatro. Esta sua preocupação deverá estar relacionada com o facto de tentar conhecer melhor o momento em que as ruínas do monumento foram soterradas, ou até que ponto esta estrutura poderia ter influenciado o traçado urbano na zona, para tentar perceber a configuração da estrutura do Teatro no desenho da malha urbana antiga; ou seja, como as pré-existências foram respeitadas na planificação dos diferentes tecidos urbanos.

Ao *DL*, considerando a sismicidade de Lisboa, comenta que seria “ ...natural que à data de fundação da nossa nacionalidade, já o teatro estivesse soterrado, pois nenhum dos nossos cronistas se refere à existência deste monumento”. Esta relação entre episódios sísmicos e o desaparecimento do monumento, também fora levantada por Júlio de Castilho a propósito da identificação de uma construção invulgar, com uma estrutura em semicírculo, acima da Sé, num Selo pendente de um Documento de 1352 que poderia corresponder ao Teatro. Por este motivo supôs ser o terramoto de 1356 que o teria soterrado (*apud Almeida, 1966, pp5-6*). Não deixa de ser curioso que no artigo referido de Robert Bisset Scott (1832, p.393), este autor também aponte o terramoto de 1356, como o possível causador da ocultação do Teatro .

O arquiteto passa depois a sobrepor também na planta anterior ao Terramoto a planta da cidade contemporânea, ou utiliza só esta última. Ambas suportes para localizar o Teatro, ou concretamente para tentar desvendar a configuração da sua estrutura e dimensões no desenho da malha urbana. São disso exemplos as plantas que enumeramos de seguida.

3.1.2 - Planta parcial da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto de 1755, com estudo da malha urbana

Data aferida: 194?
Desenho em papel vegetal
Dimensões 360 x 585 mm
AML- PT/AMLSB/CB/11/04/08

3.1.3 - Esboço da planta parcial da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto de 1755, com estudo da malha urbana

Data aferida: entre 1930 e 194?
Desenho a lápis e tinta em papel vegetal
Dimensões 377 x 547 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/14

Observações: Trata-se de um esboço para a execução da planta indicada em 3.1.2.

3.1.4 - Planta parcial da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto, com sobreposição da cidade de meados do século XX

Data aferida: 1930 -1960
Desenho em papel vegetal
Dimensões 513 x 638 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/23

3.1.5 - Planta de troço da cidade de Lisboa de meados do século XX (Rua de S. Mamede com gaveto da Rua da Saudade)

Data aferida: 1930 -1960
Desenho em papel vegetal
Dimensões 513 x 638 mm
AML- PT/AMLSB/CB/11/04/20

3.2| PLANTAS COM LOCALIZAÇÃO DO TEATRO ROMANO NA MALHA URBANA

3.2.1 - Planta com localização do Teatro sobre planta da cidade anterior ao Terramoto, com sobreposição da planta da cidade de meados do século XX

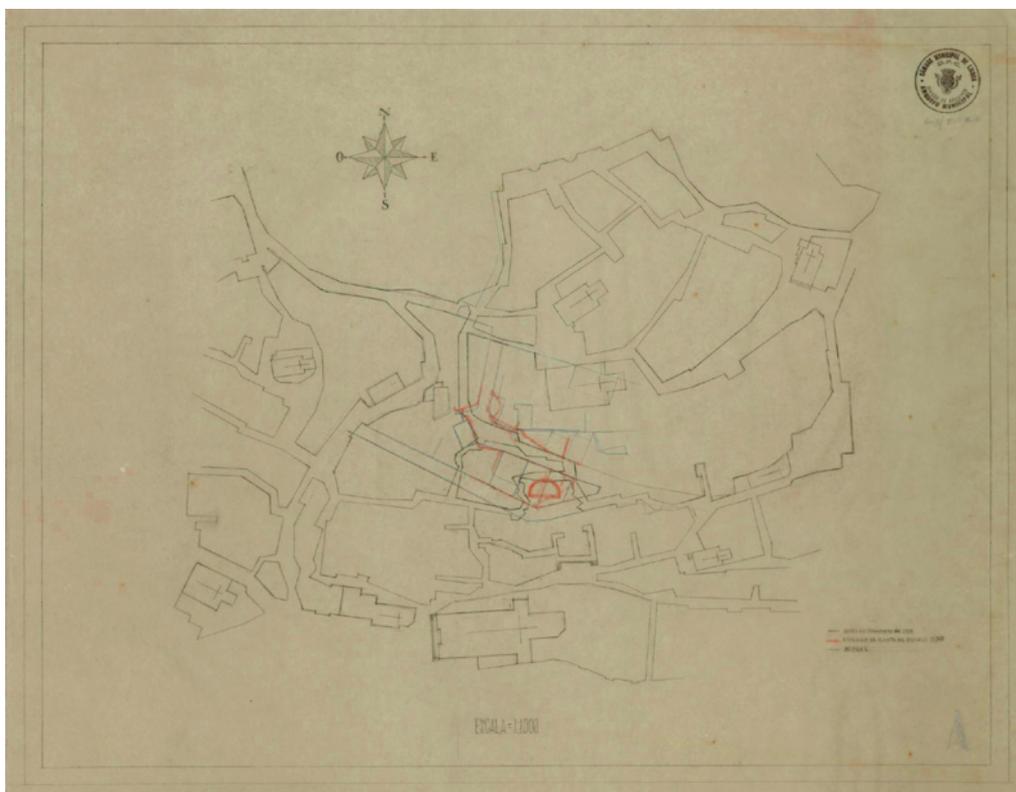


Fig. 9

Data aferida: 194?

Desenho a lápis em papel vegetal

Dimensões 460 x 580 mm

AML- PT/AMLSB/CB/11/04/06

Observações: As várias épocas da planta parcial da cidade são identificadas por cores – preto, encarnado e azul, respectivamente assinaladas na legenda: “Antes do Terramoto de 1755/Extracto da planta na Escala 1:185/Actual”

3.2.2 - Planta parcial da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto com a localização do Teatro



Fig. 10

Data aferida: entre 1936 e 1947
Assinada "C. Branco arquitecto"
Desenho a lápis e tinta em papel vegetal.
Dimensões 325 x 435 mm
AML- PT/AMLSB/CB/11/04/09

Observações: Apresenta a seguinte legenda – "Planta anterior ao /Terramoto de 1755/Cópia do original /ampliada à escala 1:1000 /(sem correções)" e "Localização das ruínas/ do «Teatro Romano»". Exibe estudo sobre malha urbana (ver ponto 3.4.2).

3.2.3 - Planta parcial da cidade de Lisboa anterior ao Terramoto com a localização do Teatro

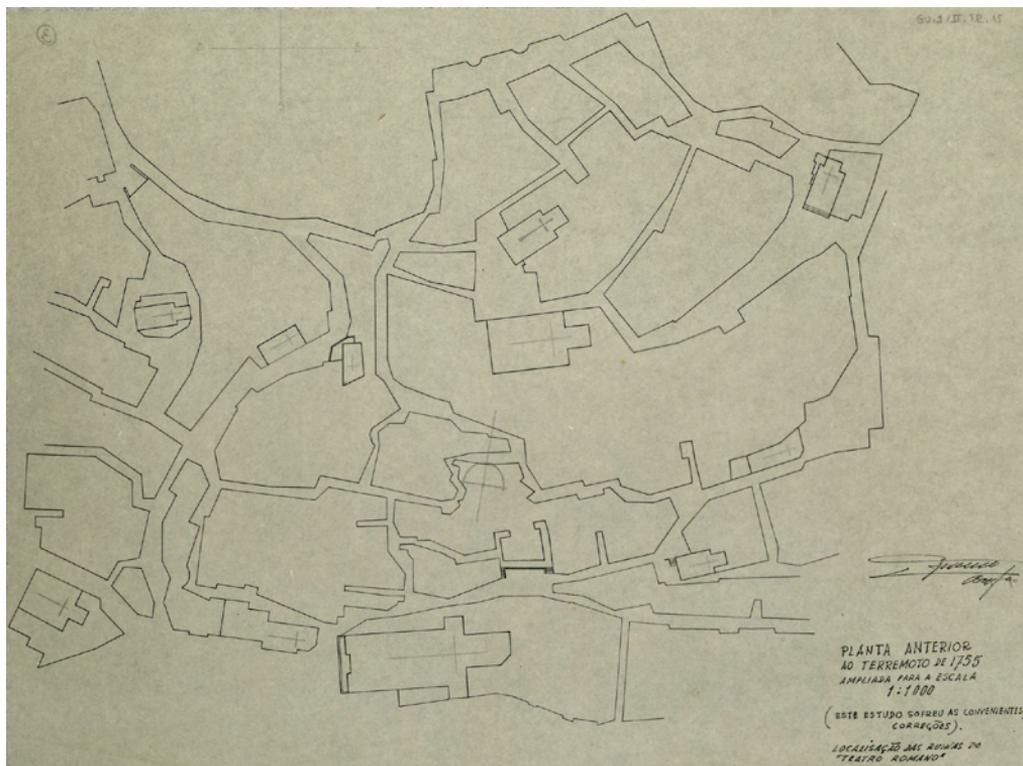


Fig. 11

Data aferida: entre 1936 e 194?

Assinada "C. Branco arquitecto"

Desenho a tinta e lápis em papel vegetal.

Dimensões 345 x 452 mm

ANL- PT/AMLSB/CB/11/04/15

Observações: Apresenta a seguinte legenda – "Planta anterior/ ao Terramoto de 1755/ampliada para a escala/1:1000 /(este estudo sofreu as devidas correções)" e "Localização das ruínas/ do «Teatro Romano»". Versão atualizada da planta anterior (ver ponto 3.2.2; Fig. 10).

3.2.4 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo desenho/planta do *proscenium*)

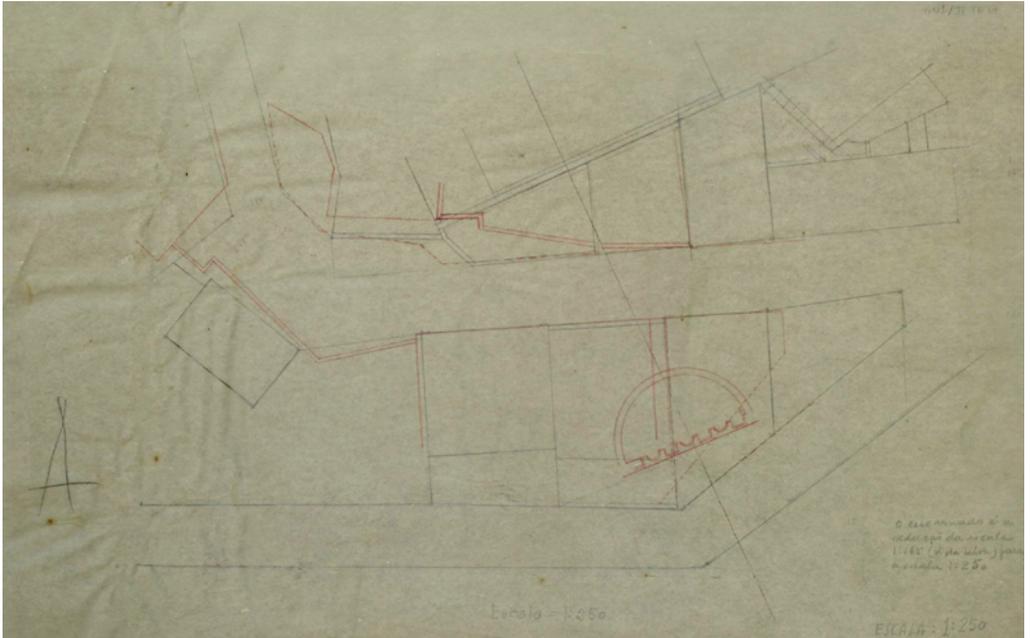


Fig. 12

Data aferida: 1944 -1960

Desenho a tinta e lápis em papel vegetal.

Dimensões 330 x 515 mm

AML- PT/AMLSB/CB/11/04/17

Observações: Apresenta a seguinte legenda: "O encarnado [reportando-se ao desenho do Teatro] é a /redução da escala / 1:165 (V. da Silva) para/ a escala 1:250". É manifesto que a obra do olisipógrafo A. Vieira da Silva, foi um dos suportes essenciais aos estudos de C. Branco. Neste caso refere-se possivelmente à planta publicada por este olisipógrafo em 1939. (Silva,1939,Estampa III). (Fig 13). Para a localização do Teatro com planta do *proscenium*, terá utilizado outra planta incluída na *Epigrafia de Olisipo* (Silva, 1944,p.60) (Fig.14). Estas ultima configuração é usada em vários outros estudos (pontos 3.2.7 a 3.2.9).

A CÉRCA MOURA DE LISBOA

Estampa III



FRAGMENTO DA PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA QUE COMPREENDE A PARTE ABRANGIDA PELA CÉRCA MOURA

ESCALA 1:2500

O traçado e as legendas a preto correspondem à actualidade.
 O traçado e legendas a vermelho são os correspondentes à época do terramoto de 1755. O traçado é extraído da *Planta topográfica da Cidade de Lisboa arruinada, e Também Segundo o Novo Alinhamento dos Archilétos Eugenio dos Santos, e Carvalho, e Carlos Marçal*. As legendas são extraídas do *Tombo da Cidade de Lisboa*, mandado organizar por decreto de 29 de Novembro de 1755.
 No traçado das muralhas da cerca o traço cheio mostra as partes conservadas, as aquelas sôbte que não há dúvidas. A linha tracejada representa o traçado duvidoso, ou puramente conjectural.

Fig. 13 – Pormenor da *Planta topográfica da cidade arruinada pelo Terramoto* (vermelho), com sobreposição (preto) do traçado da cidade em meados do século XX.
 Estampa . A.Vieira da Silva, 1939.
 Inserida na obra de A.V. da Silva, *A cerca moura de Lisboa*, Estampa III. Gabinete de Estudos Olisiponenses.

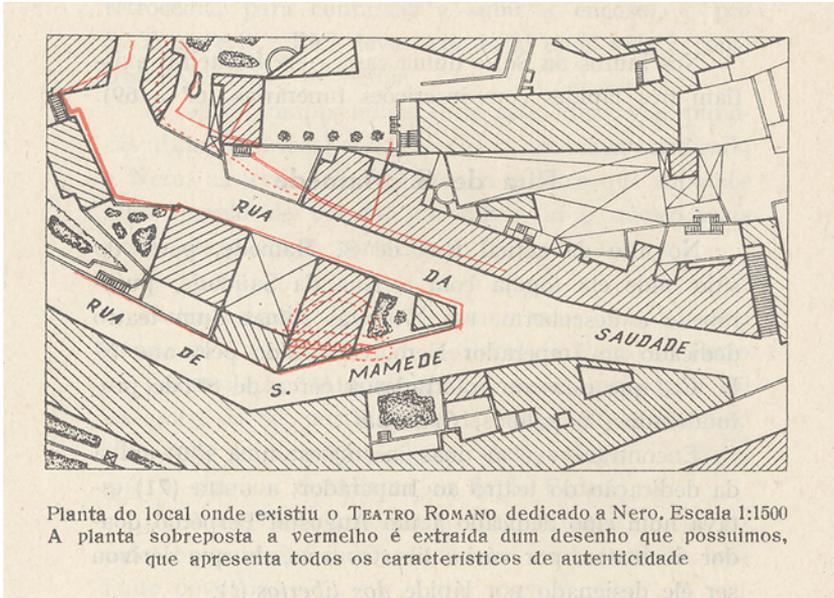


Fig. 14 – Pormenor da *Planta do local onde existiu o Teatro Romano...*

Estampa. A. Vieira da Silva, 1944. Escala 1:500

Inserida na obra de A.V. da Silva, *Epigrafia de Olisipo*, p.60. Gabinete de Estudos Olisiponenses

3.2.5 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo planta conjetural esquemática da *cavea*, *pulpitum*, *scaenae frons* e *postcaenium*)

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho a tinta em papel vegetal
Dimensões 300 x 428 mm
AML- PT/AMLSB/CB/11/04/19

Observações: Esta planta foi publicada por P. Varela Gomes, (1991, p.110). Sendo, deste conjunto dos *Estudos sobre o Teatro Romano*, o único documento que não permaneceu inédito.

3.2.6 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo planta)

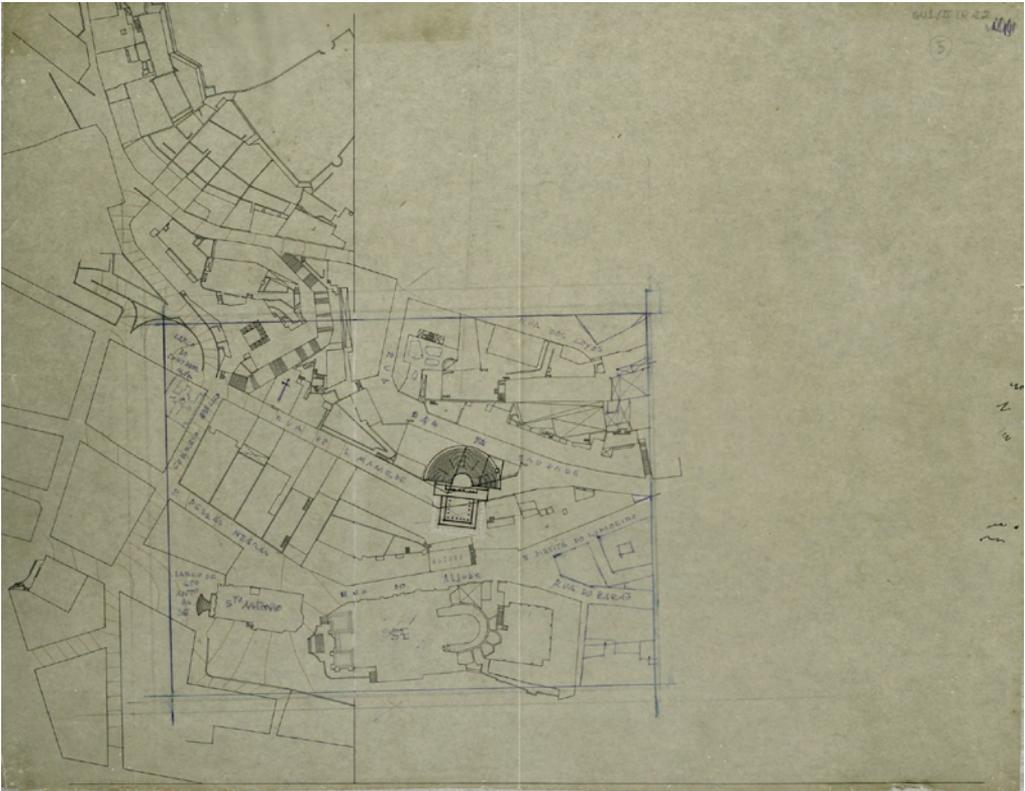


Fig. 15

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho a tinta em papel vegetal
Dimensões 390 x 495 mm
AML- PT/AMLSB/CB/11/04/22

Observações: Esboço para a planta anterior (ver ponto 3.2.5) . As proporções apresentadas não são corretas, mas as possíveis, considerando a informação disponibilizada na época.

3.2.7 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo desenho/planta do *proscenium*)

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho em papel vegetal

Dimensões 370 x 493 mm

AML- PT/AMLSB/CB/11/04/27

Observações: Idêntica à planta do ponto 3.2.4 (cópia?)

3.2.8 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo desenho/planta do *proscenium*)

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho em papel vegetal

Dimensões 460 x 580 mm

AML- PT/AMLSB/CB/11/04/21

Observações: Idêntica à planta do ponto 3.2.4 e 3.2.7

3.2.9 - Planta parcial da cidade no século XX com localização do Teatro (incluindo desenho/planta do *proscenium*)

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho em papel vegetal

Dimensões 370 x 540 mm

AML - PT/AMLSB/CB/11/04/07

Observações : Idêntica à planta do ponto 3.2.4, 3.2.7 e 3.2.8. Apresenta estudo de relação entre Teatro e malha urbana

3.2.10 - Esboço de implantação do Teatro na Colina do Castelo



Fig. 16

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho a carvão em papel vegetal
Dimensões 343 x 695 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/12

Observações: O Teatro aparece implantado na Colina vendo-se no topo o Castelo de S. Jorge. Este esboço permitiria a C.Branco analisar, graficamente, a volumetria do Teatro e perceber como o declive da colina se ajustara para a instalação da estrutura, em particular, da *cavea*. Mas este também é um exemplo evidente da importância que o arquiteto dava ao desenho, como um meio de expressão de eleição e forma de ligação ao projeto. Ficou até famosa a sua frase: "o esboceto é uma ideia inovadora" (*apud*. Carvalho, 1998, p.69).

3.3| PLANOS DE PORMENOR DO TEATRO ROMANO (ESTUDOS DE PROPORÇÕES E DESENHO ARQUITETÓNICO/RECONSTITUIÇÃO CONJETURAL)

3.3.1 - Planta do *proscenium*, *orchestra* e parte da *cavea* do Teatro (com localização das estátuas de Silenos) (Fig.17)

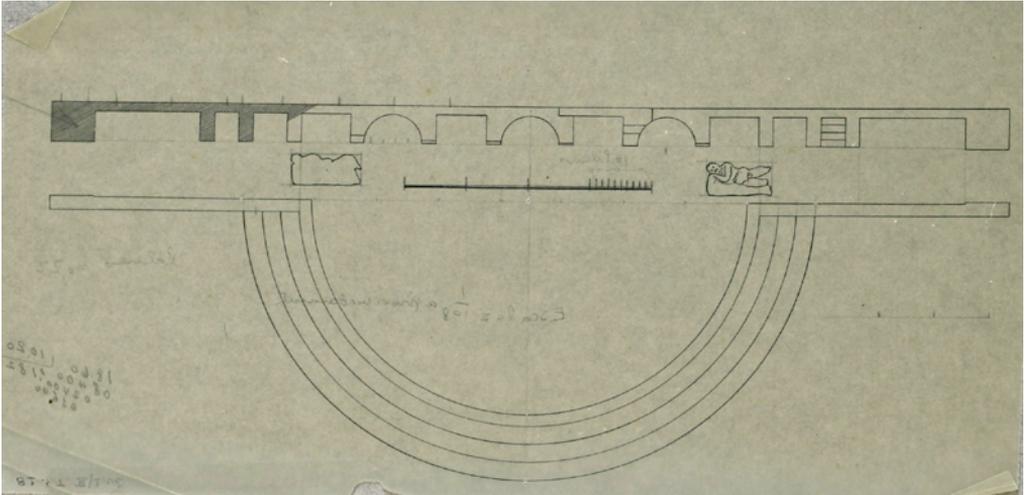


Fig. 17

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho a tinta em papel vegetal. Escala 1:108

Dimensões 170 x 335 mm

AML - PT/AMLSB/CB/11/04/18

Observações: Esta planta é uma cópia do alçado e planta das ruínas do Teatro (v.Fig.3), publicado por Luiz Antonio de Azevedo na *Dissertação...*(1815, estampa X, p.46), feito a partir do levantamento das ruínas de Fabri. (v. Fig. 2).L.A. de Azevedo e a respectiva obra, são as únicas referências autorais, feitas por C. Branco no *DL* : “o professor de latim” que publicou “um livro relevando que as ruínas pertenciam a um teatro romano....” e que fala “de dois silenos e onde estão guardados...”.

3.3.2 - Esboço da Planta do *proscenium*, *orchestra* e parte da *cavea*

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho a tinta em papel vegetal. Escala 1:108

Dimensões 275 x 272 mm

AML - PT/AMLSB/CB/11/04/16

Observações: Cópia da Estampa X, gravura publicada na *Dissertação...* de Luiz Antonio de Azevedo (v.Fig.1); ver planta do ponto 3.3.1.

3.3.3 - Estudo das proporções da *Orchestra*

Data aferida: entre 1936 e 1960

Desenho em papel vegetal. Escala 1:125 "P.M."

Dimensões 483 x 497 mm

AML - PT/AMLSB/CB/11/04/24

Observações: Estudo de planificação vitruviana: este estudo integra um conjunto de três outros exercícios (ver ponto 6.4 e 6.5) que visavam definir a geometria da *orchestra*, seguindo provavelmente as normas definidas para o desenho arquitetónico e proporções definidas na obra de M. Polião Vitruvius *De Architectura*, Livro V. Cap. III (Silva, 2001; Alves, 2011, pp.67-68). Esta obra clássica não deveria ser estranha a C. Branco. Podem, ainda, vê-se neste desenho vários cálculos (sobre medições e/ou proporções?), executados, a lápis, sobre o suporte.

3.3.4 - Estudo das proporções da *orchestra*

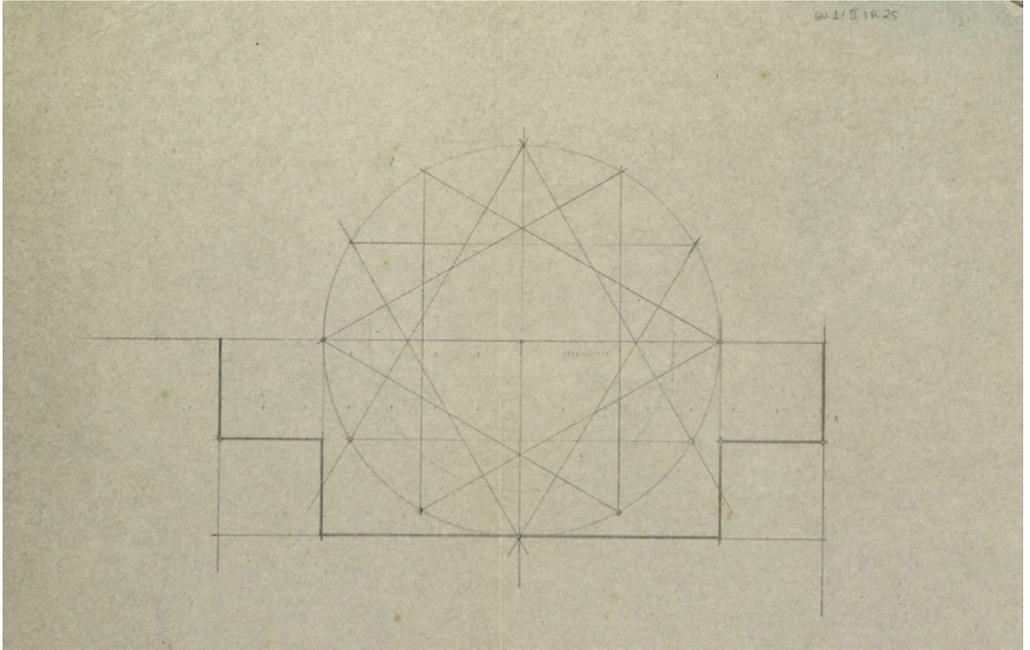


Fig. 18

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho a lápis e tinta em papel vegetal.
Dimensões 368 x 500 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/25

Observações: Ver ponto 3.3.3 e 3.3.5

3.3.5 - Estudo das proporções da *orchestra*

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho em papel vegetal. Escala 1:125
Dimensões 370 x 495 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/26

Observações: Ver pontos 3.3.3 e 3.3.4

3.4| OUTROS

3.4.1 - Estudo dos Perfis das ruas da envolvente do Teatro Romano

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho em papel vegetal. Escala 1:1000
Dimensões 550 x 860 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/11

Observações: Apresenta os perfis das seguintes ruas: Chão da Feira, S. Bartolomeu, Loios, Saudade, S. Mamede, Pátio do Aljube, Aljube, Cruzes da Sé, Afonso de Albuquerque, Bacalhoeiros e Alfândega.

3.4.2 - Perfis das ruas da envolvente do Teatro Romano

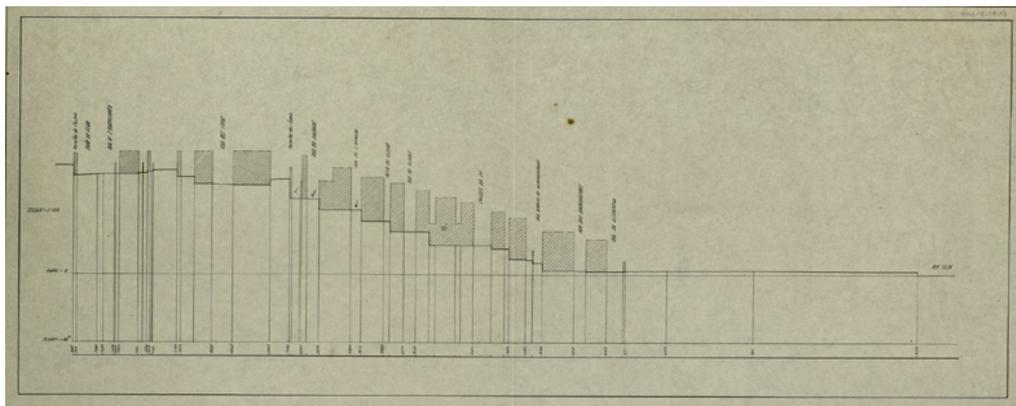


Fig. 19

Data aferida: entre 1936 e 1960
Desenho a tinta em papel vegetal. Escala 1:1000
Dimensões 305 x 745 mm
AML - PT/AMLSB/CB/11/04/13

Observações: Apresenta os perfis das seguintes ruas: Chão da Feira, S. Bartolomeu, Loios, Saudade, S. Mamede, Pátio do Aljube, Aljube, Cruzes da Sé, Afonso de Albuquerque, Bacalhoeiros e Alfândega. Desenho final do Estudo anterior (ponto 3.4.1).

4|

É difícil divisarmos, o que teria impelido Cassiano Branco a debruçar-se, durante tantos anos, sobre o Teatro, até porque não encontramos, para além desta documentação que apresentamos e das declarações ao *J L*, qualquer memória descritiva, ou outro texto, que nos esclareça cabalmente.

Mas podemos afirmar que C. Branco acabou por ser, o percursor dos trabalhos contemporâneos de investigação sobre o Teatro e o primeiro a apresentar vários estudos para uma suposta reconstrução arquitetónica; tentativas de reconstrução, como também sublinha P. M. de Almeida, embora sem justificar documentalmente a sua afirmação (Alves, 2011, p.66), ainda que hipotéticas (sem suporte arqueológico, apenas documental) e que não tenham tido qualquer repercussão imediata, quanto foi possível apurar. Nem resultaram num projeto final, pelo que devemos entender este acervo como o resultado de uma fase de investigação e de recolha de documentação (daí as cópias de outros desenhos, como notamos) mas, seguramente, de preparação para posteriores desenvolvimentos.

Salientemos ainda que no conjunto dos desenhos/estudos/esboços, agora apresentados, se nota uma grande preocupação em localizar e perceber a área de implantação do monumento e a sua relação com as malhas urbanas (de antes e depois do Terramoto), o que é bem conseguido na maioria dos estudos, muito na linha da proposta de localização do Teatro, atrás mencionada, na cidade pré-Terramoto e na cidade reconstruída, avançada por A.Vieira da Silva (1939,1944); ou seja, não anda muito longe da realidade, hoje já identificada, após vários trabalhos de investigação e arqueologia (Fig. 20); além de estarem bem documentadas, também, as questões de topografia (v. Fig 19) e a conexão do Teatro com os traçados urbanos. Estas particularidades, levam-nos a colocar como hipótese, serem alguns destes estudos de Cassiano Branco coevos à problemática da construção do prédio na Rua de S. Mamede nº6/Rua da Saudade nº 15, em 1960 (v. Fig. 6 e 7), e não muito anteriores, considerando a data aferida, para a documentação, entre 1936-1960, apontada pelo Arquivo Municipal de Lisboa. Assim se entenderia como objetivo imediato o de evitar que um prédio se sobrepusesse, de novo, às ruínas, para mais numa época em que o arquiteto se assume cada vez mais como um projetista do espaço público, assim como o planeamento urbano é sempre uma prioridade, em vez do projeto de arquitetura (Carvalho,1998, p.19). Assim sendo C. Branco um arquiteto com “profundo respeito pelos dados históricos” e reconhecendo-se nos seus projetos o saber das suas viagens pelo mundo (idem,p.73 e 74), além de um interesse manifesto pelo património arquitetónico e uma preocupação em caracterizar a urbe, o seu carácter e o essencial dos seus “tecidos urbanos”, particularidades que o qualifica como um “fazedor de cidade”, na expressão de P. Varela Gomes (Gomes,1991, p.111- 112).

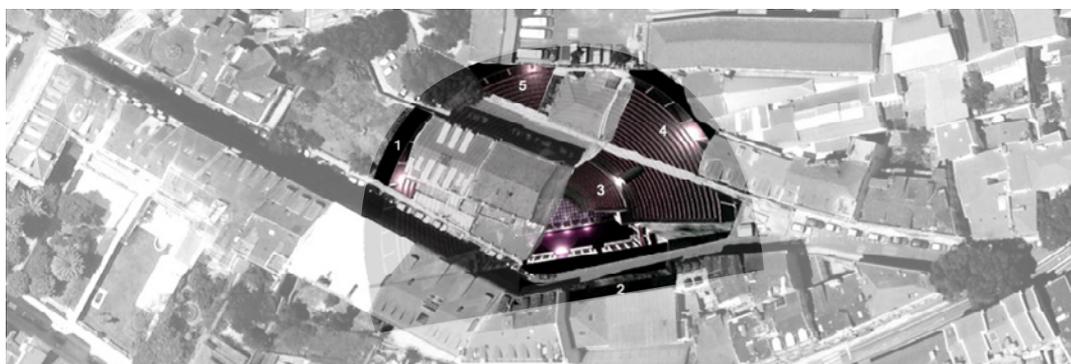


Fig. 20 – Implantação do Teatro na atual malha urbana (1 a 5 áreas com ruínas identificadas)
Pedro M. de Almeida Alves, 2011. (In *Relação entre o edifício e a malha urbana*, p. 74)

Por outro lado, estes estudos para a localização do monumento na malha da cidade (pré-Terramoto e do século XX), seriam, de alguma forma, um contributo para a pesquisa arqueológica e para identificar que edifícios deveriam ser demolidos para colocar todo o Teatro a descoberto, ações que C. Branco defendia como prioritárias.

“Não é realmente civilizado permitir que as ruínas sejam esquecidas...”, afirmava Cassiano Branco (JL,1960). Por isso entendia a reconstrução como indispensável e urgente. Quando interrogado sobre o que haveria de ser feito, propunha a “suspensão imediata dos trabalhos que se estão a efectuar no local” (reporta-se à obra do prédio) e a criação da, já referida, comissão de especialistas reconhecidos e competentes e arqueólogos (com a possibilidade de ser, inclusivamente, uma equipa internacional), apoiada pelas entidades oficiais e que deveria “angariar fundos que permitam efectuar perfurações e várias pesquisas locais no terreno, trabalhos a realizar depois de estudos arqueológicos bem fundamentados”. Concluindo: “É evidente que os prédios da Rua de S. Mamede e da Saudade devem ser adquiridos para demolição de modo a expor todo o complexo arquitectónico do teatro. O que a fazer-se, implicaria um outro estudo, de arranjo do local”. Avançava assim com a necessidade de demolição de vários imóveis, por conhecer tão bem o Teatro e ter noções muito próximas da realidade da dimensão e amplitude da sua estrutura, como sublinhamos, embora tivesse consciência dos custos e das dificuldades de tal intervenção. Esta noção, muito clarividente, das implicações de um projeto para reabilitar o Teatro e este conhecimento em matéria de estruturas cénicas romanas, de História e Arqueologia, haviam sido adquiridos através de minucioso trabalho de pesquisa sobre teoria da arquitetura da Antiguidade Clássica, sobre a evolução de

várias tipologias de teatros e sobre “os mais recentes ensaios arqueológicos e em toda a teoria de teatros clássicos descobertos” (nas palavras do Jornalista, *DL*). C. Branco declara que estudou “cinquenta e dois teatros gregos, especialmente os de Dionísios e de Lenco na encosta da Acrópole, em Atenas” e ainda “de Argos no Peloponeso; o de Assos, em Troade; de Delfos, na Focia; de Epidauró, de Esparta, de Mileto, de Pérgamo e de Siracusa na Sicília”; Em Roma os “riquíssimos teatros” de Marcelo, Pompeu, Scaurus, Baldo e Vila Adriana; “Em Itália Herculano, Pompeia, Tusculano, Fiesolo, Verona, Milão, Aosta, Lecce, Lungo, Tindari, Taormina”; no “Norte de África Tingad e Dugga Argélia Khamissa, Guelma, Tebessa, Sabratha (próximo de Trípoli)” ; e finalmente, nas províncias de Roma a Oriente, Amman, Palmira, Boalber, Bosra, Petra, Gesara, Balbura (*DL*,1960).

Mas, visando a reconstrução das “ruínas da peça arquitectónica de maior valor arquitectónico que Lisboa possuiu” afirma C. Branco, também se debruçou sobre “trinta e dois teatros” já reconstruídos só em França, em especial o de Orange e outros na Europa como, por exemplo, o de Mérida em Espanha e o de Verulamium em Inglaterra.

Na coleção *Estudos sobre o Teatro Romano* existem, ainda, duas cartas do arquiteto, datadas de fevereiro de 1959, uma dirigida à Oficina de Turismo de Sagunto (Branco, 1959.AML), solicitando envio de fotografias do teatro romano (uma da *cavea* e outra do *proscenium*), castelo, muralhas e de uma ponte romana (?), e outra à Direção Geral de Turismo de Málaga (Branco, 1959. AML), também com pedido de fotografias do teatro romano, da catedral, do Castelo de Gibralfaro, do viaduto de Ronda e ainda de possíveis ruínas romanas e de outros monumentos de valor arquitetónico e arqueológico. Justifica estes pedidos, em ambas as missivas, informando estar a concluir “uns trabalhos sobre construções da época romana na Península Hispânica e também dos períodos que se lhe seguiram” (traduzido do espanhol).

Mas sobre o Teatro de Lisboa C. Branco, na época, não dispunha ainda dos dados arqueológicos que surgiram depois e apenas tinha acesso a um número limitado de levantamentos gráficos e de textos publicados, de interesse e profundidade variados, que recordamos: as notícias dos Suplementos à *Gazeta de Lisboa*, o artigo da *Ilustração Portuguesa* (Martins, 1906), textos de Júlio de Castilho de 1884 (Castilho,1939²) e as obras de Vieira da Silva (1939,1944), além do incontornável, e indispensável, estudo de Luiz Antonio de Azevedo com descrições minuciosas e desenhos sobre o Teatro que, inclusivamente e como referimos, cita no artigo do *DL* e utiliza para base de alguns dos seus desenhos/plantas de partes do monumento.

Tinha ainda acesso direto a estruturas arquitetónicas (fustes de coluna) que eram visíveis no interior da loja/entrada do prédio nº2 a 4B da Rua de S. Mamede (Fig. 21a, b e c). É o próprio C.Branco no *DL* que, reportando-se aos materiais romanos reutilizados nas construções posteriores, fala dos “Fustes de colunas estriadas que servem de apoio aos arcos do piso térreo do prédio da Rua de S. Mamede, nº2.”. Inclusivamente, o artigo do *DL*, mostra-nos uma fotografia de um fuste que se encontrava “endossado na argamassa de uma parede” no interior de um estabelecimento de “ferro-velho na Rua de São Mamede (ao Caldas)”, sem identificação de nº de porta (v. Fig. 8). Uma outra imagem reporta-se a duas colunas com capiteis jónicos dadas, tradicionalmente, como provenientes do Teatro, colocadas numa casa do Largo do Chafariz de Dentro, nº17; mas esta hipótese que fora levantada por A. Vieira da Silva (1944, p.52), não é correta, tratando-se antes de colunas neo-clássicas do século XIX, de proveniência desconhecida, como já Irisalva Moita sublinhara (1970,p.13).

Afinal o plano de reconstituição do teatro romano que Cassiano Branco teria realizado foi, elucida-nos o jornalista do *JL*, “uma complexa solução arquitectónica” feita “a partir da medição do diâmetro do fuste da coluna remanescente do edifício, que se encontra na loja do prédio nº 2 da Rua de S. Mamede”. Mas nada mais se escl-



△ **Fig. 21a** – Reutilização de fustes de coluna do Teatro Romano na Loja/Entrada do prédio nº2 a 4B da Rua de S. Mamede. Fotografias. Autor não identificado, 1965
SIPA - FOTO. 00512150



▷ **Fig. 21b** – Reutilização de fustes de coluna do Teatro Romano na Loja/Entrada do prédio nº2 a 4B da Rua de S. Mamede. Fotografias. Autor não identificado, 1965
SIPA - FOTO. 00512148



Fig. 21c – Reutilização de fustes de coluna do Teatro Romano na Loja/Entrada do prédio nº2 a 4B da Rua de S. Mamede. Fotografias. Autor não identificado, 1965
SIPA - FOTO. 00512147

rece. Infelizmente na documentação do Arquivo Municipal de Lisboa, do Fundo Cassiano Branco, não se encontra um plano concreto de pormenor com reconstituição arquitetónica completa das estruturas que compõem o Teatro, antes, como já salientamos, temos apenas estudos, sobretudo, relacionados com dimensões de partes do monumento, localização e áreas de implantação conectadas com o desenho da malha urbana e relevante análise topográfica. Nem nenhum estudo que tenha resultado da “medição do diâmetro do fuste de coluna...”, que não sendo declaração de C. Branco, foi possivelmente uma interpretação do jornalista.

No Arquivo Municipal de Lisboa identificamos ainda uma proposta de arranjo da zona envolvente com projeto para proteção das ruínas do Teatro (PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/896), com a seguinte legenda: *Arranjo da área envolvente do Teatro Romano de Lisboa-Escala 1:200 Alçado – Perfil pela Rua de São Mamede ao Caldas* (Fig.22). Trata-se de um desenho aguarelado sem indicação de autor e sem data que ponderamos, como hipótese que carece de maior investigação (em curso), poder ser um ante-projeto da autoria de Cassiano Branco, considerando o conhecimento relevante que adquiriu do monumento e da sua envolvente e desde

logo, poder ser, uma consequência natural dos seus estudos. Vem a propósito uma outra das suas declarações ao DL onde refere que “É evidente que os prédios da Rua de S. Mamede e da Saudade devem ser adquiridos para demolição de modo a pôr a um todo o complexo arquitectónico do teatro. O que a fazer-se, implicaria um outro estudo, de arranjo do local”.

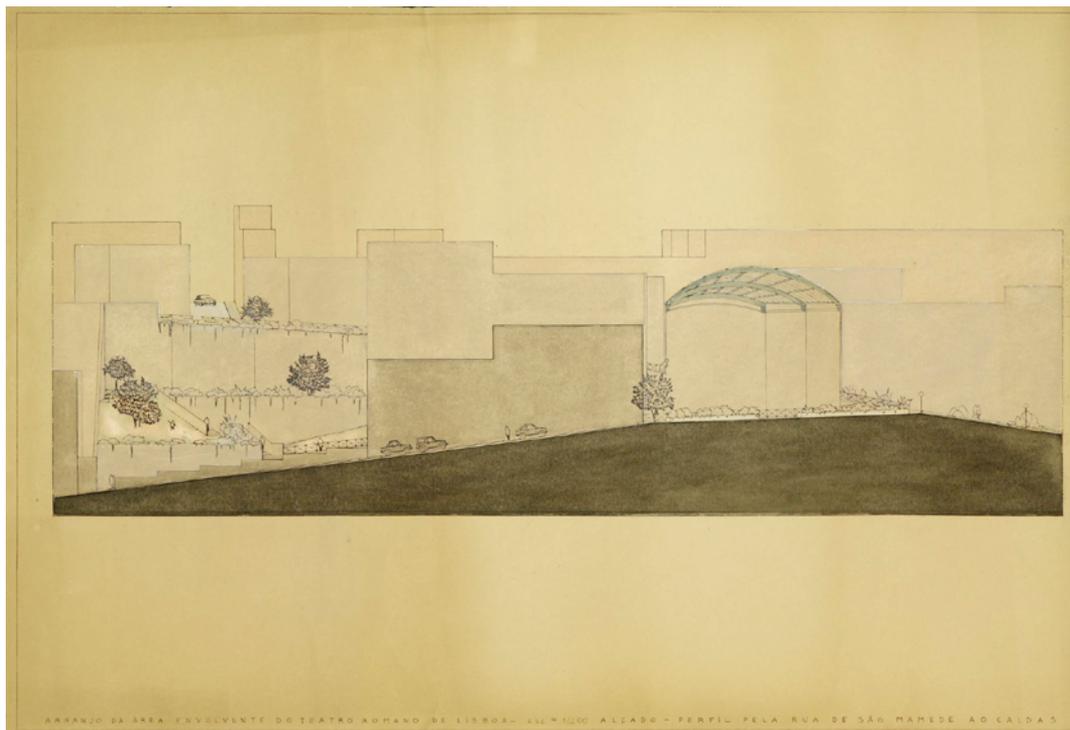


Fig. 22 – Arranjo da área envolvente do Teatro Romano de Lisboa-Escala 1:200 Alçado – Perfil pela Rua de São Mamede ao Caldas. Desenho aguarelado. Cassiano Branco (?), S/ data. Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/896)

51 DEPOIS DE CASSIANO BRANCO - AS PRIMEIRAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Depois da polémica da construção do imóvel sob o monumento, em 1960, passados quatro anos e estando em ruína o prédio nº 2 a 4B da Rua de S. Mamede, e “habitado por vadios”, onde permaneciam vários fustes de coluna reaproveitados (v.Fig.21), foi possível a D. Fernando de Almeida (Almeida, 1966), então Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fazer uma sondagem arqueológica, com a colaboração dos seus alunos, no interior do referido prédio que decorreu entre 3 de dezembro de 1964, estando concluída antes de 4 de fevereiro de 1965 (idem, p.8 e 11). Esta intervenção que pôs a descoberto vários vestígios do edifício romano, veio a colocar de novo a questão da salvaguarda do Teatro. Estava, então, na presidência da Câmara o General França Borges (Presidente entre 1959-1970) que despertado por F. de Almeida decide assumir a responsabilidade de colocar a descoberto o monumento romano, contrariando as decisões de 1960 e como sublinha I. Moita (1970,p.14) “Quem conheça todas as dificuldades de um encargo desta natureza, não poderá deixar de encarar o acto do General França Borges revelador de uma profunda consciência do valor do património histórico da cidade”.

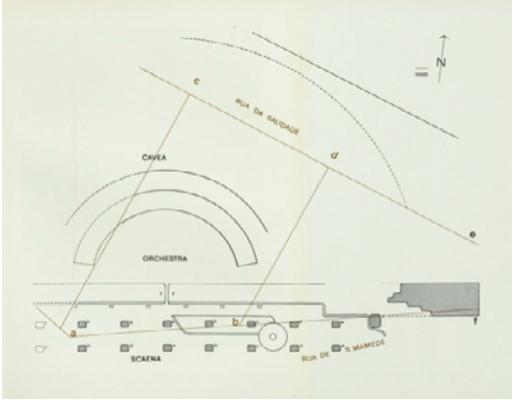
Sobre esta vontade de se realizarem escavações arqueológicas para desenterrar o monumento, ainda acrescenta D. Fernando de Almeida: “Naturalmente aparecerão mais elementos do teatro e, quem sabe, talvez as inscrições. Seja como for, julgamos que a cidade bem merece este sacrifício. E uma vez juntas no local, as peças que andam dispersas poderiam ser expostas em um pequeno pavilhão metido a um canto, naturalmente no ângulo das duas ruas segundo pensa fazer o Senhor Presidente da Câmara. Com elas, duas maquetas ilustrariam o ambiente: uma mostraria o que apareceu no séc. XVIII; outra seria uma reconstituição do teatro quando fora legado a Olisipo pelo seu fundador, em honra de Nero “ (Almeida, 1966, pp 12-13); e “Além do interesse arqueológico das ruínas, o lugar será mais um atractivo para o visitante e ajudará a melhor compreender a Lisboa romana” (idem, p-13-14). Pairava já uma hipótese de musealização das ruínas.

O Presidente da Edilidade F. Borges, logo em 1965, acabaria por designar a então Conservadora dos Museus Municipais de Lisboa, Irisalva Moita, como responsável pela direcção dos trabalhos de arqueologia (Moita, 1971, p.14) que se concretizaram entre 28 fevereiro de 1966 a 6 de julho 1967, segundo Relatório (idem, pp.17-21), após a demolição do imóvel nº 2 a 4B da Rua de S. Mamede/ gaveto com a Rua da Saudade, nº11 e 13 (Fig. 23), entretanto adquirido pela CML que viria a comprar, na ocasião, ainda mais seis imóveis nas mesmas ruas de S. Mamede e da Saudade (idem,p.15). Esta

significativa e decisiva campanha de investigação arqueológica, colocou a descoberto a área identificada e intervencionada no século XVIII (Fig.24 e 25).



Fig. 23 – Prédio demolido na Rua de S. Mamede/ gaveto com a Rua da Saudade para intervenção arqueológica no Teatro em 1966. Fotografia. Eduardo de Portugal, 1949.
Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/000935)



◁ **Fig. 24** – Planta da área do Teatro posta a descoberto durante a campanha arqueológica de Irisalva Moita, 1966-1967

In Moita, I. (1970)- *O Teatro Romano de Lisboa*. Revista Municipal. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, n.º 124 -5.

▽ **Fig. 25** – Ruínas do Teatro romano. Zona do *pulpitum* e *proscenium*, postas a descoberto durante a intervenção arqueológica de 1966-67. Fotografia. Armando M. Serôdio, 1968

Arquivo Municipal de Lisboa (PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/SER/S05254)



Na sequência desta intervenção e por solicitação do Presidente da Edilidade, o Teatro Romano foi classificado como *Imóvel de Interesse Público* em 1967, (Decreto n.º 47 984, DG, I Série, n.º 233, de 6-10-1967), passando a existir desde 1969, também, a definição de uma *Zona Especial de Protecção*.

Esta década de 60, marca, como sublinha C. Fabião o “arranque dos grandes projectos de arqueologia urbana na cidade”, mas deixa transparecer, ainda segundo o autor, “a gritante falta de uma política consistente e global de intervenção, que permitisse uma boa articulação entre os diversos organismos de investigação existentes, uma boa cooperação com os empreendedores públicos e privados e que, acima de tudo, garantisse um acompanhamento permanente a todas as intervenções que afectassem o subsolo da área urbana” (Fabião, 1994, p.153).

Não admira pois, que tudo volte a parar em 1967, com o término do que entendia I. Moita, ser uma primeira etapa da escavação. Apenas alguns imóveis são demolidos, após realojamento dos seus habitantes e foi preciso esperar mais duas décadas para se realizarem novas intervenções arqueológicas levadas a cabo pelo Município de Lisboa, sob responsabilidade de diversos arqueólogos e continuadas até 2013 (Rodrigues, 1987; Diogo, 1993; Fernandes, 2007 e 2013); estando o Museu, desde 2001, (tal como foi projetado e definido no seu programa museológico - Leite, 1998), como um equipamento que tendo devolvido o monumento à cidade, a promover a investigação e a possibilitar o entendimento das ruínas do Teatro e do sítio (ou seja das outras estruturas urbanas desvendadas no local), à medida que prossegue a pesquisa arqueológica, garantindo-se também a sua preservação, divulgação e fruição.

Afinal parte do processo, entretanto desenvolvido, sobretudo na década de 1960, foi ao encontro de algumas das propostas/ideias preconizadas por Cassiano Branco que, ainda pode, seguramente, ter tido conhecimento dos trabalhos contemporâneos de intervenção arqueológica no Teatro de *Olisipo*.

FONTES MANUSCRITAS

1955/1960 - Obra nº35493, Rua de São Mamede ao Caldas, 6 – Rua da Saudade 15 a 15B. Arquivo Municipal de Lisboa. PT/AMLSB/ CMLSBAH/ COPA/001/37197.

1798 - *Descrição / do Monumento de Antiguidade Romana, invés - / tígado pelo professor Regio Joaquim José de Costa / e Sá desde o 1 dia do presente mês de Maio do / anno de 1798 até ao dia 16 do dicto, em que se deo por finda a Excavação.* [Manuscrito]. Coleção Portugal, I-32,27,017, n.º 003. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Calado, M. (1998) – Proposta 496/98 da Vereadora da Cultura Maria Calado em Reunião da Câmara Municipal de Lisboa, de 28 de outubro de 1998. [Dactiloscrito ; Manuscrito]. CML / DAOSM/DACM.

Fabri, F.X (1798) - *Mapa geral da Escavacao que se fez perto da Rua de Sao Mamede por baixo do Castelo desta Cidade de Lisboa.* [Desenho aquarelado]. Museu de Lisboa. MC.DES.12.

Azevedo, L. A. de (1807). *Dissertação Crítico-Filosofica- Historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e atendíveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castello desta cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli achada, e até agora apparecidas.* [Manuscrito]. Museu de Lisboa, MC.RES.217.

Branco, C. (1959) – Carta [Solicita o envio de fotografias dos monumentos de Sangunto]. [Dactiloscrito; Manuscrito]. Cassiano Branco/Documentação particular/Correspondência. Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CB/12/01/63.

Branco, C. (1959) – Carta [Solicita o envio de fotografias de monumentos existentes em Málaga]. [Dactiloscrito; Manuscrito]. Cassiano Branco/Documentação particular/Correspondência. Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CB/12/01/63.

Branco, C. (1936-1960) - *Estudos sobre o Teatro Romano.* 27 f. /Fundo Cassiano Branco/ Estudos Técnico-científicos. Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CB/11/04.

Sousa, M.C. de (1798) – Planta nº1 [Primeiro levantamento das ruínas]. Coleção Cenáculo, Plantas Arquitectónicas/Assuntos Portugueses, Gaveta 8, pasta 1. Biblioteca e Arquivo Distrital Público de Évora.

Sousa, M.C. de (1798) – Planta nº2 [Monumento que se achou nas ruínas da parte do sul do convento dos Loyos em Lisboa a 36 palmos de fundo]. Coleção Cenáculo Plantas Arquitectónicas/Assuntos Portugueses, Gaveta 8, pasta 1. Biblioteca Arquivo Distrital Público de Évora.

Villas-Boas, Frei M. do C. (s.d.) – *Monumento que se achou nas ruínas da parte sul do convento dos Loios de Lisboa.* [Manuscrito]. Biblioteca Pública de Évora

BIBLIOGRAFIA

Abascal, J. M. ; Cebrián, R. (2009)- *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. (Antiquaria Hispanica, 19 / Catálogo de manuscritos de la Real Academia de la Historia,4). Madrid: Real Academia de la Historia.

Almeida, D. F. (1966) - Notícia sobre o teatro de Nero, em Lisboa. *Lycerna*. (Separata de Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia). Porto: Edições “Maranus”. 5, pp. 5-15.

Alarcão, J. (1982)- O Teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simpósio El Teatro en la Hispania Romana*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valência, pp. 287-301.

Alves, P.M de A. (2011). *Relação entre o edifício e a malha urbana*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

As ruínas de um Teatro Romano de Nero na Rua de S. Mamede ao Caldas, devem ser desembaraçadas e conservadas cuidadosamente. *O Século*, de 19 de junho de 1960.

Azevedo, L. A. de (1815)- *Dissertação Critico-Filologico-Historica Sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e atendíveis circunstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castello desta cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d’outras Memorias alli mesmo achadas, e atégora apparecidas*. Lisboa: Na Nova Impressão da Viuva Neves e Filhos.

Carvalho, A. de (1979) - *Os três architectos da Ajuda do “Rocaille” ao Neoclássico: Manuel Caetano de Sousa (1742-1802), José da Costa e Silva (1747-1819), Francisco Xavier Fabri (1761-1817)*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

Carvalho, M. de J.M. de, (1998) - *Cassiano Branco: a obra*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. [Consult. 14 março, 1918]. Disponível em <http://hdl.handle.net/11067/1317>

Diogo, A. M. D. (1993) - O Teatro romano de Lisboa: Notícia sobre as actuais escavações. *Teatros Romanos de Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana* [Em linha]. 2, pp. 217-224. [Consult. 14 março, 1918]. Disponível em <http://revistas.um.es/car>

Castilho, J. de (1884) - *Lisboa Antiga: Segunda Parte: Bairros Orientais*, tomo I , Coimbra: Imprensa da Universidade.

Castilho, J. de (1939²) - *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Castilho, J. de (1906) - *O Século*. Lisboa:[s.n.], 25 de Julho. *É possível reconstruir o teatro romano que existiu em S. Mamede, ao Caldas - na opinião do architecto Cassiano*. *Diário de Lisboa*, de 25 de Junho de 1960.

Fabião, C. (1994) - Ler as Cidades Antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope – fazer e desfazer a História* [Em linha]. 13, pp. 147-162. [Consult. 10 março, 1918]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/10874>

Fabião, C. (2013) - Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa [Em linha]. In Pimentel, M.C.; Alberto, P.F. (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp.389-409. [Consult. 10 março, 1918]. Disponível em http://www.academia.edu/5176667/Escavando_entre_pap%C3%A9is_sobre_a_descoberta_primeiros_desaterros_e_destino_das_ru%C3%ADnas_do_teatro_romano_de_Lisboa

Fernandes, L. (2007) - Teatro romano de Lisboa : os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª série. 15, pp. 28-39. [Consult. 18 março, 1918]. Disponível em https://www.academia.edu/5994934/Teatro_romano_de_Lisboa_os_caminhos_da_descoberta_e_os_percursos_da_investigac%C3%A7%C3%A3o_arqueol%C3%B3gica

Fernandes, L. (2013) - Teatro Romano de Olisipo: a marca do novo poder romano. In Arnaud, J.M.; Martins, A.; Neves, C. (Coord. Edit.). *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.765-773. [Consult. 18 março, 1918]. Disponível em http://www.academia.edu/5981894/teatro_romano_de_olisipo_a_marca_do_novo_poder_romano

Gomes, P.V. (1991) - O Fazedor de Cidade. *Cassiano Branco uma obra para o Futuro*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Edições ASA.

Hübner, E. (1871) - *Noticias archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.

Hauschild, T. (1990) - Das Römische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988. *Madrider Mitteilungen*, 31. Mainz: Verlag Philipp von Zabern.

Leite, A. C.; Pereira, P. (1992) - Prospecto e planta das ruínas do teatro romano de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea* (Catálogo de Exposição). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Electa, pp. 208-209.

Leite, A.C. (1998) - *Programa de Recuperação e Valorização do Teatro Romano* (Dactiloscrito). Museu de Lisboa, Centro de Documentação.

Leite, A.C.; Pato, H.B. (2014) - Um desenho inédito do Teatro de Olisipo nas coleções do Grupo Amigos de Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa* [Em linha]. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses/DPC/DMC/CML. 4, pp 146- 161. [Consult. 1 março, 1918]. Disponível em https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuu

Lima, M. M. da C. (2014) - *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. Tese de Doutoramento em História (Arte Património e Restauro). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 3 março, 1918]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/10741>

Lima, M.C. (2017)- Cartas pela salvaguarda do património no Portugal das Luzes : testemunhos de Frei Manuel do Cenáculo e de Francisco Xavier Fabri. *CEM, Cultura, Espaço e Memória*. 8, pp. 177 - 185. [Consult. 2019]. Disponível em <http://ojs.lettras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4669>

Maciel, M. J. (1995) - A Arte da Época Clássica (Séculos II a.C. – II d.C). In Pereira, P., dir. - *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores. I, pp. 79-101.

Maciel, M. J. (2006) - Do teatro grego ao teatro romano de Lisboa. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Edições Colibri /Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 2, pp. 13-21.

Martins, A. C. (2006) - O Teatro Romano de Lisboa. A fugacidade da *Mnemosine* na Lisboa pós-terramoto ou a (in)diferença portuguesa. In *Catástrofe, memória e arte: 1755 / Colóquio ACT 14*. Lisboa: Colibri, Centro de Estudos Comparatistas, pp.145-153.

Martins, R. (1906) - Um Teatro Romano na Rua de S. Mamede. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Empreza do Jornal O Seculo. 2ª série. II: 29. 10 de setembro de 1906, pp 185 -190.

Moita, I. (1970) - O Teatro Romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. XXX. 124: 5, pp. 7-37.

Moita, I. (1985) - Problemas da Lisboa Romana. A Recuperação do Teatro de Olisipo. In *Arqueología de las Ciudades Modernas Superpuestas a las Antiguas* (Zaragoza, 1983). Madrid: Ministerio de la Cultura, pp. 285-302.

Moita, I. (1995)- Notícia de Novos Achados e Documentos Referentes ao Teatro Romano. In *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Veja, pp. 372-377.

Ramos, P. O. (2014) - The Royal Decree of 1721 and the Ephemeral Archaeological Collection of the Royal Academy of Portuguese History. *Journal of History of Collections*. Oxford: Oxford University Press. 26: 2, pp. 223-227. [Consult. 20 mar. 2018]. Disponível em <https://academic.oup.com/jhc/article-abstract/26/2/223/747812>

Ramos, P. O. (2015) - Robert Bisset Scott e os seus "Romain Remains at Lisbon". *Revista de Estudos Anglo- Portugueses*. Lisboa: Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 24, pp. 177 -186. [Consult. 19 mar. 2018]. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/16430/1/REAP24.pdf>

Rodrigues, A. V. (1987) - O teatro Romano de Felicitas Julia (Lisboa). Suplemento de *Ingenium*. Lisboa: Ordem dos Engenheiros. Dezembro.

Ruders, C. I. ([1798-1802] 1981) – In Chaves, C. B., pref.; Feijó, A., trad. - *Viagem em Portugal, 1798-1802*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Scott, R. B. (1832) - Roman Remains at Lisbon. *Gentleman's Magazine*. London: [s.n.]. 102. January-June, pp. 291-296. [Consult. 19 mar. 2018]. Disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hw29a6&view=1up&seq=313>

Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa (1798). Lisboa: Regia Officina Typografica. XX-VII, Sabbado, 7 de Julho.

Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa (1799). Lisboa: Regia Officina Typografica. VI, Sabbado, 9 de Fevereiro.

Silva, A. V. da (1939²) - *A cêrca moura de Lisboa: estudo histórico descritivo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, A. V. da (1944) - *Epigrafia de Olisipo :Subsídios para a História da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, A. V. da (1947) - Lisboa Romana. In Sequeira, G. de M., coord. - *Lisboa: Oito Séculos de História*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Publicações Comemorativas do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Moiros, pp. 68-75.

Silva, I. F. de (1860) - *Dicionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Silva, P.B. da (1997)- *O Teatro Romano de Lisboa : à procura da sua estrutura nos Dez Livros de Architectura de Vitruvius*. Dissertação de Mestrado em Teoria da Architectura. Lisboa, Universidade Lusíada.

Silva, R.M.B. da (2005) - "*Marcas de oleiro*" em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Dissertação de Mestrado em Arqueologia - Arqueologia Urbana. Universidade do Minho. [Consult. 1 mar. 2018]. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/8130>

Silva, R.M.B. da (2012) - *As «Marcas de Oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 1 mar. 2018]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/9472>

Sousa, L. P. de (1923) - *O terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal* Lisboa: Serviços Geológicos / Tipografia do Comércio. III, pp. 480-949.

Suplemento à Gazeta de Lisboa (1798). Lisboa: Regia Officina Typografica. XLVII, sexta feira, 23 de Novembro

Teixeira. J. de M. (2012) - *José da Costa Silva (1747-1819) e a receção do neoclassicismo em Portugal: a clivagem de discurso e a prática arquitetónica*. Tese de Doutoramento em História. Universidade Autónoma de Lisboa. [Consult. 10 março, 1918]. Disponível em <http://hdl.handle.net/11144/305>

O CAL abre em 2013 como espaço próprio da Câmara Municipal de Lisboa devotado à arqueologia da cidade e do território municipal, uma resposta patrimonial e de produção e conservação do conhecimento sobre o seu passado.

A disciplina conhece hoje uma dinâmica sem precedentes, somando mais de 400 intervenções anuais em Lisboa. É, em muitos casos, a reação da arqueologia a uma conjuntura de expansão imobiliária que produz renovação de peças ou de tecidos urbanos de origem remota. Outras, porém, equivalem a outro tipo de preocupações sociais contemporâneas, como a salvaguarda da memória de elementos de mais próxima cronologia, caso das unidades industriais oitocentistas ou até mais recentes. Fora do chamado Centro Histórico, achados muito recentes confirmaram a suspeita acerca da riqueza do território em vestígios de ampla cronologia. Por fim, novos pontos integraram importantes peças ou conjuntos de ruínas integradas no quotidiano urbano de Lisboa, sobretudo assumidas pelo sector privado, bem mostrando o desfazer de velhos mitos.

Em síntese, a Arqueologia de Lisboa alargou-se, respondendo aos desafios sociais, distendendo-se no espaço, dialogando e acolhendo outros personagens que lhe são externos. Afinal, a Arqueologia de Lisboa é hoje uma das maiores produtoras de património cultural na cidade...

ORGANIZAÇÃO



APOIO

